

NOVEMBRO DE 1925

Num. 32



M.^{tes} Maria Leonor d'Aguilar d'Andrade dos Santos e Silva,
precioso ornamento da nossa sociedade

ALMA NOVA

REVISTA PORTUGUESA
EDITORIA: LIVRARIA J. RODRIGUES & C.^a-R. AUREA, 185-188
LISBOA

“ALMA NOVA”

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL,
LATINISMO E INTERCÂMBIO LUSO-BRASILEIRO

Redacção e Administração

186, Rua Aurea, 188
LISBOA

TELEFONES: N. 5306
C. 3936

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

Continente e Ilhas, Trim. (3 n.)	7\$50	Sem. 6 n.	15\$00	Ano (12 n.)	30\$00
Colónias e Espanha			17\$00		33\$00
Brasil (reais brasileiros)			8\$00		15\$00
Outros países					50 Frs.

Número avulso 2\$500

Representantes e Agentes

Em todo o continente,
Ilhas, Colónias, Brasil
e principais
cidades de Espanha,
França, América
do Norte, etc.

Avisamos os Ex.^{mos} assinantes antigos de que as suas quotas, até ao fim do corrente ano, se referem aos números que vão indicados no parêntesis, devendo todos os assuntos aos mesmos respeitantes ser tratados na C. de João do Rio, 8, 1.^a — LISBOA

III.^a Série — Num. 32 (33 e 34)

SUMÁRIO

Novembro de 1925

CAPA: M. ^{lle} Maria Leonor d'Aguiar d'Andrada dos Santos e Silva	Royal Photo — Lisboa
GRANDES DE PORTUGAL: Gama Barros (c. fot.)	Luís Saavedra Machado
CRONICA (c. il. de Roberto Nobre)	Aleântara Carreira
UM MONUMENTO A ANTERO DE QUENTAL	Redacção
O ÚLTIMO ANTERO (escultura)	Diogo de Macedo
NOCTURNO (soneto)	Antero de Quental
O GRANDE CIRCUITO HÍPICO DE PORTUGAL (c. fot.)	Redacção
OS NOSSOS GRANDES INDUSTRIAIS DO LIVRO: José Afra.	"
OS NOSSOS COLABORADORES (c. fot.)	"
AS NOSSAS POETISAS: Mártires (soneto)	D. Branca de Gonta Colaço
ACTUALIDADES (c. fot.)	Redacção
SALA DE VISITAS (c. fot.)	"
PAGINA DO ALGARVE: A «Casa dos Algarvios» em Lisboa	Mateus Moreno
O poema «Descendo» de João Lúcio	José Dias Sancho
TERRAS DE PORTUGAL: As Romarias da Beira (c. fot.)	José Osório
TEATROS — MÚSICA — CINEMAS: A abertura da época (c. fot.)	Redacção
O BRASIL DE HOJE: A bordo do «Benevente» (c. fot.)	"
EPISÓDIO MUNDANO: Lever de «rideau»	Aleântara Carreira
A VIAGEM DOS ESTUDANTES PORTUGUESES AO BRASIL: I — A ^a tuna de Coimbra, no seu regresso.	Redacção
AS FESTAS DOS MERCADOS (c. fot.)	"
II — O regresso do Orfeon Académico de Lisboa (c. fot.)	Dias de Sousa
VIDA DESPORTIVA: «Raia» hípico, Foot ball, Hockey, Motor (c. fot.)	J. Saavedra Machado
CARICATURA: Fazenda cara	Pépe Luís
ROJOES E BANDARILHAS: A Festa dos Touros (c. fot.)	M. Gomes dos Santos
SAUDAÇÃO AO BRASIL!	"
AOS NOSSOS JOVENS ESTUDANTES: Para que sejais «Homens» (c. a escultura Af. Henriques de Soares dos Reis)	A. Reis Machado
RECORDAÇÕES E NOVELAS: O Relógio da minha Escola (c. ils. de Roberto Nobre)	José Guerreiro Murta
NOTAS SUBSIDIÁRIAS PARA UMA BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRAN-	"
DE GUERRA: Ti. II — Livros (verso)	Cap. José Brandão
HORS-TEXT: Claustro do Convento da Conceição em Beja (tricromia)	Alberto de Sousa
Noticiário, publicidade, etc.	

Por estarmos reconstituindo a lista de todos os nossos directores de secção, representantes das provincias e colonias, colaboradores, etc. foram tirados, temporariamente, do cabeçalho os nomes que até ao último número constituiram o elenco redactorial desta revista

LIVROS Á VENDA NA “ALMA NOVA”

Sangue d'Epopeia — A Artilharia Portuguesa na Flandres, por MATEUS MORENO, tenente de Artilharia. 1. vol. il.	4\$00
Na guerra e na paz — Sinfonia Macabra, id., (3. ^a ed.)	2\$00
Minha Pátria — Poema em 3 liros e 3 jornadas, id. id., 2. ^a edição, broch., 3\$00, cada livro	1\$00
Cantigas (2. ^a edição), por REBELO DE BETTENCOURT, com prefácio de Luís Chaves 1 vol. broch.	2\$50
Odes de Anacreonte, por LUIS CALADO NUNES	2\$50
Campanhas Camilianas, por OLDEMIR CÉSAR e CRUZ MAGALHÃES, 1 vol. broch., com il. de Rafael Bordalo	5\$03
A «Alma Nova» vol. I e II da 3. ^a série, enc. 25\$00, broch.	15\$00

O Inesimil — Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista LOPES PÊCHINHA DE NADAVALE	2\$00
A Educação Moral — Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por JOSÉ GUERREIRO MURTA, prof. efectivo dos liceus. Recomendado pelo D. do G.	4\$00
Da Verdade, por JOÃO JOSÉ GOMES	2\$50
Epis de Quairoz — «Revelado por uma illustre senhora de sua familia» (D. C. D'ÊÇA DE MELO)	3\$00
Contos para crianças, por D. BRANCA LOPES MARTINS, com ilustrações de Roberto Nobre (Ed. Maranus — Porto)	8\$00
A Entrevista, por CRUZ MAGALHÃES 1 op. ils.	1\$00

DIREITO PORTUGUES E BRASILEIRO

MANUEL GOMES DOS SANTOS

ADVOCADO

(com procuradoria no Brasil)

R. DA VITÓRIA, 53, 8.^o — TELEF. C. 3156
LISBOA

FRAGOZO FERNANDES

ADVOCADO

Questões civis, comerciais e criminaes

R. DA VITÓRIA, 53, 3.^o E.^o — TELEF. C. 957
LISBOA

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO :: E CONTABILIDADE :: POR CORRESPONDÊNCIA

No ano da fundação do Instituto Nacional de Ensino por Correspondência (em 1919), efectuaram-se 237 matrículas. No ano seguinte o número de alunos foi além de 700 e de então para cá esse número tem crescido de modo tal que bem poucos são os estabelecimentos de ensino que contam anualmente tão grande frequência. Isto prova que são muitas as vantagens dos cursos professados no Instituto Nacional, havendo este a maioria das matrículas que se vão registando diariamente à propaganda feita não só por aqueles que se habilitaram no Instituto, mas também por todos os que, não tendo ainda completado os estudos, reconhecem já quanto são proveitosas as lições cujos trabalhos executam em casa, agradavelmente, sem o menor transtorno. Uns e outros asseguram, pois, ao Instituto Nacional um êxito cada vez maior, lastimando muitos o tempo que levaram a tomar a resolução de requisitar matrícula por, na sua boa fé, terem dado ouvidos aos que, com ignorância ou interesse, depreciavam o ensino por correspondência, que no estrangeiro já há muito sobrepun as lições em classe e a horas certas.

As condições para a matrícula nos cursos de Escrita e Contabilidade são remetidas gratuitamente a quem as solicitar ao Instituto Nacional — Largo Trindade Coelho, 6 — LISBOA.

Em breve vão começar os trabalhos de composição e impressão de novos cursos na tipografia que para esse fim o Instituto montou agora na sua sede.

OS GLOBULOS HOMOEOPATICOS

— DO —
Dr. HUMPHREY

Os remédios caseiros ou de família não têm rival, são de fácil aplicação, não causam dano e todo o mundo conhece a sua eficácia excepcional.

- 1 Cura as congestões, inflamações.
- 2 melhora cavidades por bronquite.
- 3 colica, moléstias das crianças, dentição.
- 4 diarreia em crianças e adultos.
- 5 disenteria, cólica biliosa.
- 6 cólera, cólera-morbus, vomitos.
- 7 tussis, resfriados, bronquites.
- 8 dor de dentes, dores neurálgicas.
- 9 dor de cabeça, vertigens.
- 10 dispnéia, indigestão.
- 11 menstruação escassa ou dolorosa.
- 12 leucorréa ou menstruação preta.

- 13 Cura croup, tosse seca, laringite.
- 14 herpes, erupções, urticária.
- 15 reumatismo ou dores reumáticas.
- 16 febre paludosa, eréctos.
- 17 hemorroidas.
- 18 otaloria, olhos frios ou inflamados.
- 19 catarro, influenza, delirios.
- 20 coqueluche ou tosse convulsa.
- 21 asma, respirar difícil, opressão.
- 22 impuridade dos urvidos, dor de urvidos.
- 23 exostoma, luctações e vicery.
- 24 debilidade geral, fraqueza física.

- 25 Cura hidroscia, acmulações fúidas.
- 26 enjão do nariz, náuseas, vomitos.
- 27 moléstias dos rins, calculos renais.
- 28 debilidade nervosa, fraqueza vital.
- 29 diarreia da boca, aftas.
- 30 moléstias uterinas, bexiga.
- 31 menstruação dolorosa, priapismo.
- 32 moléstias da uração, palpitações.
- 33 epilepsia, hálito de St. Vito.
- 34 mal de garganta, ulcerações da garganta.
- 35 congestões crónicas, dor de cabeça.
- 36 gripe e constipações, durante o verão.

Venda em todas as farmácias. Depósito em Portugal:

RIBEIRO DA COSTA & C.^a

180, Rua do Arsenal, 152 — LISBOA

que distribuem ou enviam gratis a quem os requisitar os folhetos illustrativos para uso destes remédios.

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{da}



Rua da Rosa, 273
LISBOA
TEL-NORTE-3538

NÃO DE-
MORE A
REMESSA
DO SEU
ANÚNCIO
PARA O
PRÓXIMO
NÚMERO

Litografia MATA

* A MELHOR OFICINA DO PAIS *

Trabalhos litográficos
em todos os géneros

Os mais baratos
por serem os mais perfectos

FABRICO DE CARTAS DE JOGAR
GERMANO & C.^a

Cartas para todos os jogos, em cartão de linho
transparente, coucho, e algodão.
Jogos de Mão, Assento, Pontão, Lã, etc. Vanda
avulsos de totulos para Baccarat, Azulejo, aguardente, etc.

Escritório Central — R. da Madalena, 66 a 70 —
LISBOA

Officinas — R. do Barão, 244, 454 (Edificio proprio)
LISBOA

TELEF. 6177 C.

P. G. MARQUES
E
IRMÃO, L.^{DA}

EXPORTAÇÃO
DE FRUTOS
DO ALGARVE



UNICOS AGENTES
NO ALGARVE
DO

MARREIROS
E
BARROCOSO

INSTALAÇÕES
DE ILUMINAÇÃO
ELÉTRICA



FORÇA MOTRIZ



TELEFONES
CAMPAINHAS
E PARA-RAIOS

"
F
O
R
D
"

MOTORES MARÍTIMOS
"KELVIN"

Sociedade Lusitana de Máquinas, L.^{da}

RUA GARRETT, 36, 3.^o

L I S B O A

COM
PLE
TO

SOR
TI
DO

EM

AUTOMÓVEL
UNIVERSAL



GRANDE STOCK
DE PEÇAS
SOBRECELENTES

83, R. Conselheiro Bivar, 83-A

F A R O

ENDEREÇO TELEGRAFICO: "PEGOMAR"

LATOARIA
DINAMOS
MOTORES
E
VENTOINHAS

Rua Conselheiro Bivar, 1
Praça D. F.^{co} Gomes, 1

F A R O

AGENCIA HAVAS

AGENCIA DE ANUNCIOS PARA TODOS OS
JORNALIS PORTUGUESES E ESTRANGEIROS

Rua Augusta, 270, 1.^o - LISBOA - Telefone 2868
Rua do Ouro, 30, loja - LISBOA - Telefone 2199
Rua Formosa, 35 e 37 - PORTO - Telefone 757

PUBLICAÇÕES
BRASILEIRAS
A VENDA
NESTA
ADMINISTRAÇÃO

Vida Domestica

Importante e luxuosa
ilustração mensal
do Lar e da Mulher

DIRECTOR:

Jesus Gonçalves Fidalgo

GERENTE:

Frederico Jarque

REDACTOR-SECRETARIO:

Renato Travassos

RIO DE JANEIRO

DA GRANDE EMPRESA SOCIEDADE ANONIMA

«O MALHO»

GERENTE: **Léo Osorio**

Ilustração Brasileira

Magnífica ilustração mensal, quatro tricromias em cada numero, soberba colaboração

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Moreyra e J. Carlos
Leitura para Todos

Linda revista mensal ilustrada

REDACTOR-CHEFE: **Carlos Manhães**
Para Todos

Pela revista semanal ilustrada

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Moreyra e Mario Behring
O Malho

Interessantissima revista semanal, a mais popular e antiga do Brasil

REDACTOR-CHEFE:

José Lopes dos Reis
Tico-Tico

A querida revista das crianças brasileiras

REDACTOR-CHEFE: **Carlos Manhães**
RIO DE JANEIRO

AOS
PREÇOS
DO
NOSSO
MERCADO

Frou-Frou

Elegante e original magazine
de 14^{to}

DIRECTOR:

Manuel Santos

PROPRIETARIOS:

Santos & C.^a

RIO

DE

JANEIRO

Folha da Manhã e Folha da Noite

SCINTILANTES JORNAES DIARIOS DA CAPITAL DO ESTADO DE S. PAULO

Director: **OLIVAL COSTA**

Terra e Mar

QUINZENAL, ESPLENDIDA REVISTA DE DESPORTOS, DA MESMA CAPITAL

Directores: **Taciano de Oliveira, Carlos de Campos e Bymton Junior**

Os nossos Camillistas



DR. A. VILÉOSO DE ARAUJO

Distinto engenheiro-agrônomo e escritor, a quem se considera ainda «um novão na idade e nas letras» pertence já, com justificados pergaminhos, à ala dos melhores e mais devotados camillistas. O seu último volume, *Camilo em São Miguel-de-Sel-de*, revelam-nos um criterioso investigador e analista profundo, sem que deixe de ser um cultor do estilo.

MALA REAL HOLANDESA

Vapores a sair
em Novembro:

Para a América do Norte:

«PROVIDENCE», a 19

Para o Levante e Marselha:

O paquete «BRAGA», a 22

Para o Brasil:

«FLANDRIA», a 1

«GELRIA», a 15

«ZEELANDIA», a 29

*Para Vigo, Southampton, Cherbourg
e Amsterdam:*

«AZZELANDIA», a 10

«ORANIA», a 24

Os nossos Pedagogos



DR. JOSÉ GUERREIRO MURTAS

Professor efectivo do Liceu de Setúbal e escritor muito culto, autor do interessante e útil *Tratado da coleção da Alma Nova, "A Educação Moral pelos Exercícios de Redacção"*, sobre o qual o *Diário do Governo* acaba de publicar o parecer da comissão encarregada de apreciar os livros para o ensino secundário, parecer que lhe é não só inteiramente favorável, mas ainda altamente elogioso das qualidades pedagógicas e literárias do autor.

A CRISE DO ENSINO RESOLVIDA EM PORTUGAL

SÓ NÃO APRENDE QUEM NÃO QUERE

CURSOS DE
AERONÁUTICA
AUTOMOBILISMO
ELECTRICIDADE
"CHAUFFAGE" CENTRAL
CIMENTO ARMADO

Ensino sempre por correspondência. Todos os cursos em língua francesa. Diplôma no fim dos cursos. Pagamento a prestações mensais. Proporcionam-se colocações aos alunos que os concluem. Certificados de estudos devidamente reconhecidos pelas altas esferas francesas e belgas. Prestam-se todas as informações. Pessoalmente trata-se todos os dias úteis das 16 às 18 e das 21 às 23 horas.

Escrever ao representante em Portugal do **INSTITUTO MODERNO POLITÉCNICO**
Rua Almeida e Sousa, 53-r/c-D-LISBOA

Segurai as vossas vidas, os vossos haveres e os vossos empregados
na **ALIANÇA SEGURADORA**
RUA DA ASSUNÇÃO, 42 - LISBOA



«Croquis» de um aluno

UM CONVITE!

A TODOS OS QUE SE INTERESSAM

• • • • PELO DESENHO • • • •

PELO desenho podeis instruir-vos e esquecer os dissabores diários, anotando com o lápis ou o pincel as impressões pessoais, discernindo os momentos felizes da vossa existência e fixando-os duma vez para sempre no vosso album de «croquis».

O CURSO A B C ensinar-vos-há imediatamente a fazer «croquis», desde a primeira lição, indicando-vos os princípios do desenho, pelo seu único método de ensino individual e pessoal.

Venceis assim as primeiras dificuldades e sereis rapidamente senhores do vosso lápis e do vosso pincel.

Os que receiam não desenhar convenientemente, se quiserem, se sentirem o desejo, se apreciarem as coisas artísticas, em breve terão a técnica do desenho. O que vos falta é um guia.

Consintam, pois, que o curso A B C vos mostre como aí chegam! Dêem hoje o primeiro passo, escrevendo-nos para pedir gratuitamente o nosso album de luxo, ilustrado pelos nossos alunos e que vos dará todas as indicações sobre o funcionamento do curso.

Não há um dia que não saibamos de novos êxitos de alunos. Extracto de «Bulletin Trimestriel de la Société des Artistes Antillais», acerca dum concurso para um novo selo:

«M. de Chamberland (aluno do curso A B C), que foi o primeiro diplomado desse concurso, recebeu as felicitações do governador, na inauguração dos artistas das Antilhas e também a carta de que extractamos o seguinte:

«Folgo muitíssimo em transmitir-lhes as minhas sinceras felicitações, agradecendo-lha igualmente o facto de ter trazido o concurso do vosso talento a esta festa!...»

Também podeis obter igual êxito e além disso tirar uma parte prática do desenho, applicando-o à illustração, à moda, à publicidade, à ornamentação, etc., etc.

COURS A. B. C. de Dessin «Atelier 112»

12, Rue Lincoln (Champ Elysées), PARIS — FRANÇA

Director Literário:
Alcântara Correia
Director Artístico:
Saavedra Machado

ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURCIMENTO NACIONAL

Director Literário:
Mateus Moreno
Director Gerente:
José Afra

Secretários | M. Gomes dos Santos
Rebello de Hollenbaum

LISBOA — NOVEMBRO DE 1925

Editora | Livr. J. Rodrigues & C.
186 — Rua Augusta — 188



Gama Barros

EXEMPLO DE ISENÇÃO E DE ESTUDO, DIGNO
DE SER APONTADO AOS FUTUROS TRABALHADORES INTELECTUAIS DE PORTUGAL,
A RECENTE MORTE DESTES GRANDE HISTORIÓGRAFO, EMULO DE HERCULANO, REPRESENTA
UMA PERDA IRREPARÁVEL PARA A CIÊNCIA PORTUGUESA.
A "ALMA NOVA" NÃO PODIA DEIXAR DE CURVAR-SE REVERENTE ANTE A SUA GLORIOSA MEMÓRIA

GRANDES DE PORTUGAL

GAMA BARROS

EM 29 de Agosto, avergado ao peso dos seus 92 anos, finou-se na sua residência, na rua de Fernandes Tomás, o eminente historiador Henrique da Gama Barros. O seu falecimento quasi que passou despercebido a labuta continua da vida da cidade, registado apenas em meia dúzia de linhas pelos jornais de grande curso (1). Contudo a morte de preclaro continuador de Herculano representa uma perda irreparável para a sciência portuguesa. E' um tanto desconsolador para os obreiros conscienciosos que se dedicam a tarefa ingrata e rude de reconstituir a vida do passado, o verem a minguada justiça que ás vezes os contemporâneos e o grande publico prestam aos seus méritos e canseiras scientificas, quando a cada passo se tributam encomiásticos louvores a qualquer politico sem escrupulos ou a qualquer favorecido literato de empresas jornalisticas.

Henrique da Gama Barros nasceu em Lisboa em 23 de Agosto de 1833, e foram seus pais João Manuel de Barros e D. Maria da Piedade da Gama Barros. A sua vida, quasi toda repartida entre os deveres dos cargos que occupou e a construção dêsse monumento imorredouro que é a *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV*, é um exemplo de isenção e de estudo a apontar aos futuros trabalhadores intellectuais de Portugal. Em 1854 concluiu em Coimbra a sua formatura em direito, após o que foi nomeado sub-delegado do procurador régio do 1.º distrito criminal de Lisboa, lugar que desempenhou desde 3 de Agosto de 1854 até Outubro de 1855. Em Dezembro de 1857 foi nomeado administrador de Sintra, de onde transitou para o 2.º bairro (Bairro Alto) em 1862; em 1869 foi provido no cargo de secretario geral do governo civil de Lisboa, e em 1876 e 1878 exerceu também as funções de governador civil. Em 18 de Dezembro de 1873 foi-lhe conferida a carta de conselho; em 1877 foi nomeado vogal suplente do Supremo Tribunal Administrativo e em 3 de Janeiro de 1879 conselheiro efectivo do Tribunal de Contas, de que foi presidente desde 1900. Em 28 de

Maio de 1906 foi elevado ao parato, tendo militado no partido regenerador liberal desde 1901.

Em 8 de Abril de 1886 foi eleito sócio correspondente da Academia das Sciências de Lisboa, tendo-lhe servido de titulo de candidatura o 1.º volume da *Historia da Administração Publica* e tendo sido o parecer assinado por Inácio de Vilhena Barbosa, José Silvestre Ribeiro, João Pedro da Costa Basto e Delfim de Almeida, que o leu em sessão de 26 de Março de 1886. Em 6 de Abril de 1893 passou a sócio efectivo, tendo sido o parecer assinado por Inácio Francisco Silveira da Mota, João Pedro da Costa Basto e por Jaime Constantino Freitas Moniz, que parece ter sido o relator. Em 4 de Fevereiro de 1915 foi proclamado sócio de mérito e em 26 de Fevereiro sócio emérito (2). Era também sócio correspondente da «Academia Real de la Historia de Madrid». A sua morte foi quasi inesperada, pois pouco antes, no dia do seu aniversário natalicio, ainda conservava uma viveza que não deixava prever tão rápido falecimento, tendo trabalhado ultimamente algumas horas por dia, até quasi se extinguir.

Como se vê, a biografia dêsse prodigioso mentor da moderna historiografia portuguesa, a poucos traços se limita, pois a sua existência decorreu serenamente, já no rebuscar infatigável e operoso de documentos nos arquivos, já no estudo, já na elaboração da sua obra monumental, já no desempenho das funções publicas que exerceu.

Em 1860 deu a publicidde o *Reportorio Administrativo - Dedução Alfabética do Código Administrativo de 18 de Março de 1842 e da Legislação correlativa até 1860*. Mas a sua obra prima é a *Historia da Administração Publica em Portugal nos seculos XII a XV*, de que estão publicados quatro volumes: vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1885, 650 páginas; vol. II, Lisboa, Tip. da Academia das Sciências, 1896, 413 páginas; vol. III, Lisboa, Tip. de Castro Irmão, 1914, 898 páginas; vol. IV, Tipografia de Castro Irmão, 1922, 515 páginas; corria agora a redacção de um quinto volume.

(1) Na *Enciclopedia Portuguesa*, publicada sob a direcção de Maximiliano de Lemos, não encontrei mencionado o nome de Gama Barros. Assim se prezam neste país os seus filhos mais illustres.

(2) Dero estas informações a amabilidade do Sr. Dr. Rodrigo de Sá Nogueira, meu colega na Faculdade de Letras e 1.º official da Academia das Sciências de Lisboa.

CRÓNICA



MATEUS Moreno - poeta, prosador, militar e patriota, — e João Saavedra Machado — homem de arte e de letras, — quando em Maio último segui pela décima nona vez para o Brasil, convidaram-me a entrar para a direcção da «Alma Nova».

No meu regresso, respondi:

Mas ao voltar vim investido de múltiplas missões: entre elas, representar os scintilantes jornais de São Paulo, «Folha da Manhã» e «Folha da Noite», e as esplêndidas revistas «Ilustração Brasileira», «Leitura para Todos», «Para Todos», «O Malho», «Vida Doméstica» e «Frou-frou», do Rio de Janeiro; «Novíssima» e «Terra e Mar», de São Paulo; e o «A B C», de Lisboa, — o querido «A B C», — entregava-me a sua direcção literária, para o Brasil.

A pesar de já ser muito para os meus frágeis ombros, não hesitei, — aqui estou.

Aqui estou, mas apenas para acompanhar aqueles meus dois camaradas, até á conclusão da presente série da «Alma Nova» — o que se efectuará com o próximo número do Natal — e a seguir fundirmos o seu programa de Resurgimento Nacional e o meu de Intercâmbio Luso-Brasileiro, numa publicação com intuitos ainda mais amplos e sob o sintético título de «Ilustração Latina».

O pensamento de nobre patriotismo que tem mantido a «Alma Nova», não desaparecerá assim. Ele passa integralmente para a nova publicação.

A «Ilustração Latina» continuará, igualmente, a pugnar pelo Ressurgimento Nacional e pelo Intercâmbio Luso-Brasileiro. Mas visará também outros alvos mais vastos e profundos, como o seu título presuppõe — a união, a defesa e a propaganda da Latimidade e das Nações suas aliadas.

Inserirá, por isso, nas suas colunas, resumos dos valores e das possibilidades das nações latinas da Europa, especialmente as de correntes emigratórias para as duas Américas, e da Inglaterra, que é a nossa aliada, e de parte das referidas nações; o mesmo fazendo quanto ás nações de origem latina da América do Sul, especialmente o Brasil, e da sua natural aliada — a América do Norte. E isto nas próprias linguas desses países, para que reciprocamente se conheçam, se estimem, se unam e formem um formidável bloco mundial.

Escusado é dizer que não pretendemos atingir, por nos o modesto esforço, semelhante finalidade, mas apenas apontá-la, desenhá-la, oferecendo assim o nosso pequeno concurso para a sua realização, da qual anelaremos não só a felicidade para os povos que desse grupo farão parte, mas para o resto da humanidade, pois que a Raça Latina, uma vez firmado o seu legítimo lugar ao Sol, deixou de ser a Conquistadora, para ser a Civilizadora!

E para que tudo esteja no seu devido lugar e cada um já no seu posto, á

hora a que a «Ilustração Latina» aparecer, estes dois próprios últimos números da «Alma Nova» terão já como Director Gerente o nosso querido amigo Ex.^{mo} Sr. José Afra, culto espirito e considerado industrial do livro, sócio gerente da importante livraria de Lisboa J. Rodrigues & C.^a, e por editor a referida livraria.

A «Ilustração Latina» não será assim tão somente uma revista de sciência, literatura, arte, ressurgimento e intercâmbio Luso-Brasileiro, mas também de política — no verdadeiro sentido da palavra —, de política nacional e internacional, completamente estranha, porém, a todo o partidatismo, exigindo apenas de quem nos governe, que o faça com dignidade e clareza.

Cremos poder merecer a confiança do público. Mateus Moreno há 11 anos que dirige, através de todos os sacrificios e dedicações a «Alma Nova»; J. Saavedra Machado, seu companheiro, tem sólidos créditos de artista; Rebelo de Bettencourt, secretário da «Alma Nova», é um dos melhores valores literários da nova geração; Gomes dos Santos, que hoje entra para secretário, é advogado e militar, e tem dado as melhores provas do seu patriotismo; director-gerente e editores, são entidades das mais respeitadas dos nossos meios industriais e comerciais.

Resto eu: mas se o valor da minha obra literária é mediocre; se é mediocre o meu valor social, a minha paixão pela nossa Pátria e pelo Brasil; os esforços, embora inúteis, que tenho feito pelo renome destes dois amados países; a independência em que me tenho mantido, não solicitando, nem aceitando cargos públicos; não pertencendo a partidos políticos, e tendo posto sempre a minha pena e a minha palavra ao serviço de causas justas, belas e grandes, espero que esse pouco levará a generosidade do leitor a aceitar-me, por agora, no cargo para que fui convidado, e no próximo ano naquele que, com Moreno e Saavedra, irei ocupar.

E antes de encerrar a presente crónica, não quero deixar de referir-me ao número passado da «Alma Nova». Foi um número de atabalhoada transição: — nem o que Mateus Moreno deseja que continue a ser esta revista, nem o que eu pretendo que ela a ser passe. Verdadeiramente, nem ele, nem eu a dirigimos: dirigiram-na a escassez de tempo, a mudança de tipografia, o primeiro contacto espiritual de duas individualidades, aliás a fácil caminho de perfeita identificação.

Os leitores habituais da «Alma Nova» chocaram-se, decerto, com a invasão dum bárbaro no campo que lhes era predilecto, e os meus costumados leitores vieram, receosos talvez, procurar-me em várzea estranha; mas aqueles já neste número reconhecerão que continuam, e estes, que se encontram, em território amigo e são.

ANTERO DE QUENTAL

UM MONUMENTO EM LISBOA A' MEMÓRIA GLORIOSA DO GENIAL POETA

PASSOU em 11 de Setembro o 34.º aniversário da morte trágica de Antero de Quental e, recordando-o, o importante periódico de Ponta Delgada, *Diário dos Açores* — veterano dos jornais daquele arquipélago — lançou a ideia de se erguer em Lisboa, num plácido recanto do jardim da Estrela, um monumento ao grande pensador.

A *Alma Nova* não podia recusar a sua plena adesão à generosa iniciativa e imediatamente abriu uma subscrição entre os seus amigos e redactores, cujo produto será oportunamente recolhido e entregue a comissão encarregada de angariar os fundos necessários para converter em factos tão dignificante propósito.

Damos a seguir alguns trechos da carta com que o nosso secretário, sr. Rebelo de Beftancourt, aquella data nos Açores, comunicou esta nossa deliberação aos directores do excelente diário da sua querida terra:

«Tem razão os meus queridos amigos. Não pareceria bem, como dizem, que os continentais visitem o levantamento dum monumento a Antero na capital e os açorianos se não apressem a contribuir para elle.

«Antero é universal pelo fir-



«O ÚLTIMO ANTÉRO»

(Escultura de Diogo de Macedo)

midável drama religioso que se debatem em sua alma; e pela beleza escultural dos seus incomparáveis sonetos; mas Antero, apesar da universalidade do seu nome e da sua dor, não deixa de ser mais masso, porque reflete uma época da alma portuguesa, uma época de transição, de grandes problemas sociais, de interrogações, de dúvidas, época de incerteza e de dor, que o poeta, na sua formidável sensibilidade, sofreu por si e por todos.

E referindo-se à escultura que reproduzimos e que é a destinada ao monumento, diz:

«A máscara da dor que Diogo de Macedo esculpiu e sofreu e a que poz, inspiradamente, o título doloroso de *O último Antero*, é, de todos os retratos conhecidos do poeta, o que melhor nos dá o drama moral de quem da sua própria Dor não só fez um poema, mas também a sua maior tragédia. Essa máscara, bela e dolorosa, ficará bem num discreto e tranqüillo recanto do jardim da Estrela, o mais lindo de Lisboa; e, à sombra das boas árvores, no recolhido silêncio do seu doce refugio, ela lá de mostrar confiadamente toda essa grande dor que encheu uma época inteira.

MADRINHAS

DA

NOSSA REVISTA

A nossa revista vai render a sua carinhosa e respeitosa homenagem à Alma Feminina dos países onde deseja irradiar, convidando para «Madrinhas», em cada cidade ou vila importantes de Portugal e do Brasil, e nas capitais de Inglaterra, França, E. U. da América do Norte, Itália e Espanha, uma das mais gentis e distintas jovens das respectivas sociedades.

As funções de «Madrinha» da nossa revista serão puramente espirituais: disporá das colunas da mesma para as referencias que entender, sobre sociedade e, sendo artista ou escritora, sobre a sua arte ou sobre literatura; ser-lhe-á oferecida uma assinatura anual e publicado o retrato. O seu mandato será por um ano. Se durante elle casar, perderá a qualidade de «Madrinha», mas terá o direito de transmitir esse título a uma sua amiga, em igualdade de condições, até ao final do respectivo ano.

Quando a revista organizar Festas em local onde haja «Madrinha», esta será a «Rainha da Festa».

NOCTURNO

Espírito que passas, quando o vento
Adormez no mar e surge a luz,
Filho esquivo da noite que flutuas,
Tu só entendes bem o meu tormento...

Como um canto longínquo — triste e lento —
Que voa e subtilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu veres, pouco a pouco, o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva
Um incêndio de luz, rompendo a treva,
Iluminando, entre visões, o eterno bem.

Só tu entendes o meu mal sem nome,
A febre do Ideal, que me consome,
Tu és, Órion da noite, e mais ninguém!

ANTERO

DE

QUENTAL

REPRESENTANTES

DA

NOSSA REVISTA

Além das respectivas «Madrinhas», que serão uma espécie de nossos delegados espirituais, em cada localidade importante de Portugal e do Brasil, e em Londres, Paris, New York, Roma, Bruxelas e Madrid, vai a nossa revista nomear um Representante seu, com honras de Director, o qual superintenderá literária, artística e administrativamente em todos os interesses morais e materiais, criados e a criar pelo mesmo, na atea representada.

As suas funções durarão enquanto lhes convier, e igualmente convier à Direcção Central, e, no país ou na cidade em que as exercer, cada Representante terá as mesmas prerrogativas que os Directores da revista em Lisboa, destes recebendo, porém, as instruções necessárias, sempre que haja necessidade de pronunciar-se sobre quaisquer casos não previstos.

Todos os Representantes terão um bilhete de identidade, passado pela Direcção Central, que se esforçará por lhes obter as vantagens e facilidades concernentes às suas missões.

O GRANDE CIRCUITO HÍPICO DE PORTUGAL



A passagem e o exame dos cavalos, no Campo de Corridos do Jockey Club ao Grupo Grande, na manhã da partida

COM a aquiescência e o entusiástico apoio das entidades oficiais, iniciou-se pelas 11 horas do dia 10 de Outubro último, o Grande «raid» Hípico do *Diário de Notícias*, para o circuito de Portugal, em que se inscreveram os seguintes cavaleiros: 1-ten. Mota Carmo, 2-Barbosa Godinho, 3-José Morais, 4-ten. Heider Martins, 5-cap. Vaz Monteiro, 6-ten. Olegário Antunes, 7-Gonçalves Garcia, 8-Ribeiro Baccelar, 9-Luís Baccelar, 10-cap. Afonso Botelho, 11-ten. Brandão de Brito, 12-ten. Morais Sarmento, 13-ten. Guimarães Palma, 14-ten. Amadeu Fernandes, 15-ten. Alexandrino dos Santos, 16-cap. Rogério Tavares, 17-ten. José Serra, 18-ten. Monteiro Duque, 19-cap. Ferreira Barbosa, 20-cap. Xavier Frade, 21-cap. Fausto Ferreira, 22-ten. Júlio Gaspar, 23-cap. António Mata, 24-ten. Azevedo e Melo, 25-cap. Carlos Ramires, 26-cap. J. Agostinho Costa, 27-cap. José d'Abreu, 28-cap. Silva Dias, 29-ten. Formosinho Silva, 30-ten. Américo Gonçalves, 31-cap. Manuel Marreca, 32-cap. Azinhais Mendes, 33-ten. António Miranda, 34-cap. Vitorino Barata, 35-ten. Alberto Pico, 36-ten. Lorena Santos, 37-cap. Correia dos Santos, 38-ten. Pereira Coutinho, 39-Deffim Maia, 40-ten. Joaquim Teles, 41-José Taginho, 42-Germão Domingos, 43-cap. João do Rosário.



O desfile dos cavaleiros, pela Avenida da Liberdade, na manhã em que se iniciou o «raid».

Neste circuito — o 2.º do género que se realiza em Portugal, mas o primeiro que deve ter verdadeiramente o título de Grande, — foi estabelecida a passagem obrigatória pelos seguintes pontos de «controlo», até Viana do Castelo: - *Cacilhas - Grândola - Azeitão - Seixal - Alentejo - Évora - S. Tago do Cacem - Odebrecht - Monção - Silves - Faro - S. Brás de Alportel - Mértola - Beja - Évora - Redondo - Vila Viçosa - Elvas - Arronches - Portalegre - Castelo de Vide - Nisa - Vila Velha de Rodão - Castelo Branco - Fundão - Covilhã - Belmonte - Guardal - Celarico - Vila Nova de Foz Côa - Torre de Moncorvo - Vila Flor - Miranda - Bragança - Vinhais - Chaves - Vila Pouca de Aguiar - Vila Real - Amarante - Penafiel - Guimarães - Braga - Vila Verde - Ponte da Barca - Arcos de Valdevez - Monção - Valença - Caminha - Viana do Castelo.* O trajecto de Viana do Castelo a Lisboa, sem «controlo» e com velocidade livre, fecha o circuito.

Esta grande prova hípica, exalta bem a audácia e o valor da gente portuguesa, sempre na vanguarda de todas as iniciativas que demandem heróicidade e sacrifício.

Daqui saímos, pois, o *Diário de Notícias* e a gloriosa ala dos moços cavaleiros portugueses, que tão arrojadamente acudiram ao seu apelo.

Ano fechamos esta página, em 3 da corrente, chegaram a Lisboa os 2 primeiros vencedores: cap. Rogério Tavares e civil José Taginho.

OS NOSSOS GRANDES INDUSTRIAIS DO LIVRO

COMO fica dito noutro lugar, passa desde o presente número a dirigir todos os assuntos administrativos da nossa revista, o conceituado e culto industrial do livro, Ex.^{mo} Sr. José Afra, sócio gerente da conhecida Livraria J. Rodrigues & C.^a, de Lisboa, que desde hoje passa também a ser a nossa editora.

José Afra, antigo engenheiro de máquinas da nossa marinha, é actualmente um nome que se impõe no meio editorial português.

Viajado e culto, tendo abraçado a carreira industrial por amor ao Livro, possui o curso de Engenheiro Maquinista, da Escola Naval, onde foi condiscípulo e companheiro dos almirantes Parreira e Machado Santos, e dos comandantes Musanty, Filomeno da Câmara, e tantos outros.

Como aspirante, serviu na Divisão Naval de Angola, a bordo da Corveta Bartolomeu Dias e canhoneiras Zambeze, Cacongo, etc., e de 1896 a 1897, esteve fazendo tirocínio na Índia, na esquadilha de operações, ficando por fim encarregado da referida esquadilha. Aí se tornou um verdadeiro prático dos complicados rios e canais das Ilhas de Goa, por ser raro o dia em que na lancha *Satary* por causa da revolta Dadá-Ranes, então existente nessa nossa colónia, não ia a Sanquelim em serviço de condução de tropas ou de comunicações. Mais tarde recebeu a Medalha Rainha D. Amélia — Expedição á Índia.

Concluído o seu tirocínio no Oriente, regressou a Portugal, e não



JOSÉ AFRA

Sócio-Gerente da Livraria J. Rodrigues & C.^a
e Director-Geral da nossa revista, desde o presente número

o
Os
nossos
colaboradores

desejando fazer nova estação em Angola, — o que considerava um estagnamento impróprio dos vãos do seu espirito, ansioso de ineditismo, — pediu passagem á Marinha Mercante.

Circunstâncias particulares levaram-no depois a demitir-se e fizeram-no livreiro.

O amor que dedica aos livros e os esforços que tem sabido empregar para a sua expansão, tanto no país como fóra dele, sobremodo o justificam. Ainda há bem pouco percorreu a Espanha, França, Bélgica, Alemanha e Holanda, tendo conseguido a publicação, em espanhol, das obras de Júlio Dinis (de que a sua livraria é a proprietária), estando já editadas *As Pupilas do Senhor Reitor*, e a *Morgadinha dos Canaviaes*.

Sem reboço podemos afirmar que nenhum livreiro em Portugal já mais dea expansão á obra dum autor, como o sr. José Afra á de Júlio Dinis. Agora, para começar a época, lançou uma edição luxuosíssima, e primorosamente ilustrada por Alberto de Sousa, das *Cartas de Amor da Freira de Beja* — o glorioso Livro do verdadeiro e Grande Amor de todas as mulheres portuguesas. A ella nos referiremos em breve. Por hoje limitamo-nos a saudar o novo camarada de direcção e apresentar-lhe os protestos da nossa muita estima e alto apreço, certos de que não deixará de pôr também as bellas qualidades que o exornam ao serviço da expansão desta revista



ANTONIO SANTOS DE ALMEIDA

A *Revista*, a R. do Carmo, 55, 1.º, é um dos melhores ateliês fotográficos de Portugal e que teve o Grande Premio na Exposição do Centenario do Rio de Janeiro. Propriedade dos srs. Santos & Raposo, é seu socio-gerente o sr. Santos de Almeida, um dos aces da fotografia nacional, que hoje assume a direcção fotografica da nossa revista, quanto a trabalhos de atelier.



JOSE BRANDÃO PEREIRA DE MELO

Capitão de artilharia de campanha, Cruz de Guerra da Flandres, escritor subtil e ao mesmo tempo erudito. É o apreciado autor das primorosas *Notas subsidiárias para uma Bibliographia Portuguesa da Grande Guerra*, que vimos publicando e a que os *Anais das Bibliotecas e Arquivos* se referiram há pouco em termos que não podemos deixar de agradecer muito reconhecidamente. José Brandão é um dos nossos mais dedicados colaboradores



Dr. LUIS SAAVEDRA MACHADO

Instituto do nosso director artistico, tem-se affirmado um novo de verdadeiro talento, tanto no seu curso de Filologia Germanica, que acaba de concluir com distincção (16 valores), como no seu bello estudo sobre *Camilo e o flego portuguez*, inserto no *la Memorial do Mestre*. É da sua autoria o artigo sobre *Quina Barris*, que hoje publicamos.

AS NOSSAS POETISAS

D. BRANCA DE GONTA
COLAÇO, ILUSTRE FIER-
DEIRA DO NOME E DO
TALENTO DO GRANDE
POETA DO «EL JAIME»,
TOMAZ RIBEIRO,



E HOJE UMA DAS FI-
GURAS FEMININAS MAIS
DISTINTAS E APRECI-
ADAS, NA ALA JÁ GLO-
RIOSA DAS NOSSAS
POETISAS

MARTIRES

(O ANÁTEMA DOS GÊNIO)

Vida! Que mal te faz quem te enaltece,
que tão severa o látego lhe aplicas?!
Porquê o valor sem tréguas mortificas,
e menos tem de ti quem mais merece?...

A' bondade, que te ama, e à Fé, duplicas
o martírio cada hora, a cada prece;
ao Génio, que te exalta, e é luz, parece
que só de o fulminar te glorificas!...

Sempre os que são mais altos e melhores,
dos vendavais nos loucos remoinhos
hão-de arrastar a cruz de acerbos dores,

nos mais duros e ásperos caminhos!...
O seu prestígio, enfeita-te de flores...
Oh Vida! E tu... corôa-los de espinhos!

(INÉDITO)

Branca de Gonta Colaço.

ACTUALIDADES



ARTUR MARQUES DE ABRU



Dr. JOÃO DE LEBRE E LIMA

Secretário da nossa embaixada no Brasil

Em gôso de licença chegou há pouco a Lisboa, com sua es.^{ta} esposa, este distinto escritor, que brilhantemente ocupa o lugar de secretário da embaixada portuguesa no Brasil. Um dos nossos directores, seu muito amigo e admirador, foi recebê-lo em seu e muito nome, e com ele se integrava no próprio dia da chegada.



DR. MANUEL GOMES DOS SANTOS

Nosso velho camarada e entusiasta propagador do Ressurgimento Nacional, acaba de regressar do Brasil, com o Ordeão Académico de Lisboa, onde foi como orador do mesmo e representante da *Alma Nova*, tendo ali obtido o mais vitorioso êxito. O dr. Gomes dos Santos entra, desde hoje, para nossa secretária de redacção.

O 4.^o
ANIVER-
SÁRIO

Um aspecto do jantar de confraternização da *Seara Nova*

DA
«SEARA
NOVA»

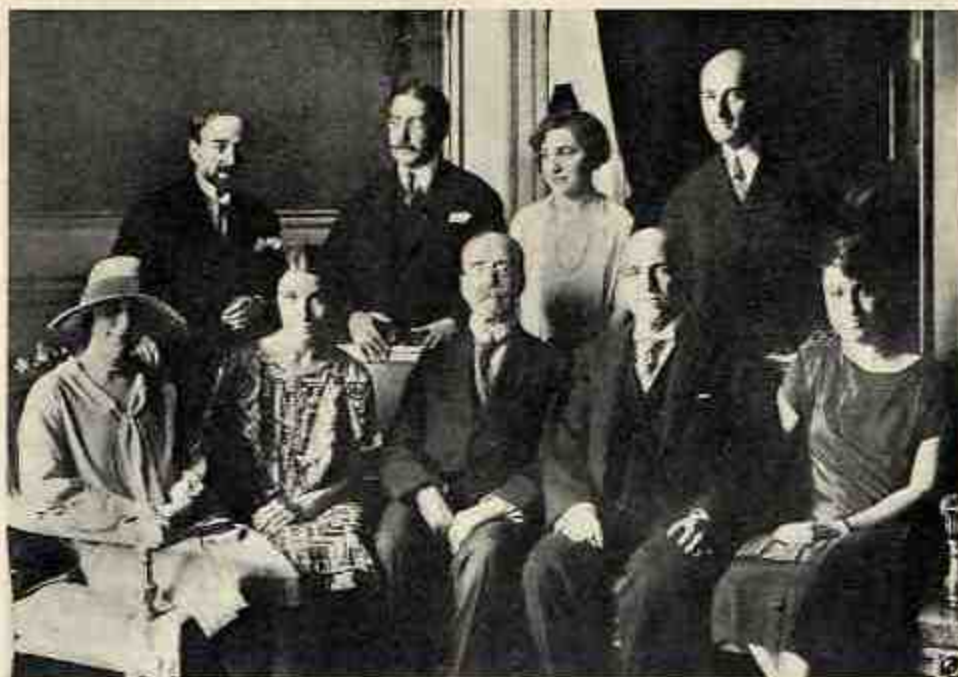
ESTA excelente revista, órgão doutrinário de um grupo de cultos espiritos, onde se encontram alguns dos nossos melhores valores da nova geração, comemorou recentemente o seu 4.^o aniversário com um jantar de confraternização, que foi presidido pelo ilustre publicista sr. Ezequiel de Campos e a que assistiram os seguintes directores, colaboradores e amigos da referida publicação: Dr. Jaime Cortezão, Aquilino Ribeiro, Sarmento Pimentel, Dr. Antonio Sérgio, Dr. Câmara Reis, Dr. Paiva Lerena, Dr. Jacinto Sanches, Dr. Sanches Raposo, Lourenço Cortezão, Martinho da Fonseca, Dr. Rodrigues Miguéis, João de Araújo Morais, Mário Cortezão, José Leal, Dr. Azevedo Perdigão, Araújo Pereira, Fernandes da Silva, Engenheiro de Carvalho, Carlos Abolin Inglês, Mário de

Castro, David Ferreira, Santos Ferro, José Tugarro, Fernandes Duarte, Pedro Cubral, Inácio Mourão, João Dantas, Pedro Sequeira, Lopes Rai mundo, Gonçalves Pinto, Guilherme Silva, Manuel Gregório Mendes, Gustavo Soromenho, Manuel Mendes, Francisco Mendes e Alfredo Torres.

Iniciou os brindes o nosso querido amigo e colaborador Dr. Rodrigues Miguéis, que é também um dos mais devotados e inteligentes propagadores das ideias políticas, claras e sãs, do grupo *Seara Nova*.

Conhecendo, por experiência própria, os sacrificios que é necessário dispendir, para manter entre nós, durante quatro anos, uma publicação do género da festelada, não podemos deixar de dirigir, com redobrada simpatia, as nossas melhores felicitações a tão brilhante grupo.

Sala de visitas



Duas datas festivas do Brasil

A 7 de Setembro passou a gloriosa data da independência do Brasil; a 15 do corrente passará outra: a da implantação da Republica. Por ambas campimentamos S. Ex.^a o senhor embaixador do Brasil, Sr. Cardoso de Oliveira, brilhante homem de letras, ao publicar a presente gravura, onde S. Ex.^a está rodeado de suas gentilíssimas Filhas, do distintíssimo secretário da embaixada Dr. Lafayette Carvalho da

Silva, do ilustre presidente do Club Brasileiro, Dr. Arlindo Correia Leite, e tendo á direita o eminente diplomata português Dr. Gonçalves Teixeira, director Geral da nossa Chancelaria, recentemente elevado á categoria de Embaixador, — por justa e intelligente proposta de S. Ex.^a o senhor Ministro dos Estrangeiros, Dr. Vasco Borges, que está dando um belo relêvo á gerência da sua pasta.

AS NOSSAS

D. Camila Lopes dos Santos, gentilíssima filha do nosso querido amigo sr. Torquato Marques dos Santos, director de publicidade da Agencia Havas, e 1.^o prêmio do Conservatório, cujo curso completou em quatro anos, sempre com distincção, é hoje



"VIRTUOSI"

uma das nossas mais distintas «virtuosas» desse difficilissimo instrumento, como ainda há pouco provou num concerto de caridade em que tomou parte e onde foi entusiasticamente applaudida pela numerosa e selecta assistência.

O

O

D. Camila Lopes dos Santos

A

«CASA DOS
ALGARVIOS»

EM

LISBOA

PÁGINA
DO
ALGARVE

O

POEMA
«DESCENDO»

DE

JOÃO LÚCIO

QUANDO em 1915 procedíamos, com o sr. Jaime de Pádua Franco e o saudoso Tomaz Cabreira, aos trabalhos preliminares do 1.º Congresso Regional Algarvio, que foi realizado na Praia da Rocha, naquele mesmo ano, lembrámos uma vez, ao primeiro desses dois nossos grandes amigos, anunciando-o depois na *Alma Nova*, a necessidade de se pensar na fundação de um centro ou grémio algarvio em Lisboa. O sr. Jaime de Pádua Franco, como director-secretário da «Sociedade de Propaganda de Portugal», vendo nisso uma dispersão de esforços, «quando todos mais se deviam congregar naquela Sociedade», não concordou com a ideia, alegando que o Centro Algarvio era a «Propaganda de Portugal» — e que estava ali, portanto.

Por falta de ambiente próprio, deixámos assim de continuar a expor as nossas razões sobre tal necessidade.

Muitos outros algarvios, estamos certo, pensavam como nós.

Ultimamente, porém, a primitiva ideia voltou a ser agitada, com renovado alento e sobre forma nova. A maturação dos anos deu-lhe um ambiente mais amplo.

Já não é apenas um simples club ou centro de reuniões, o que se pretende, é uma instituição completamente representativa da vitalidade mental e económica da província.

Seria a «Casa dos Algarvios», — ou «do Algarve», como quere uma parte da Comissão já nomeada para a apreciação dos alvíteiros e elaboração do projecto a apresentar, numa próxima grande assembleia.

Segundo as propostas até agora formuladas, a referida «Casa» deveria comportar o seguinte:

- a — Escritório de informações sobre tudo que diga respeito à província;
- b — «Club» ou grémio, com salas para conferências, exposições, sardas, sessões de arte, etc.
- c — Café-restaurant, com vitrinas onde estejam permanentemente em exposição todos os productos algarvios;
- d — Hotel, para todos os algarvios que venham a Lisboa, e
- e — Possivelmente, um Banco.

A «Comissão» julga indispensável adquirir, para este efeito, um grande prédio no centro da Baixa.

A ideia é excelente, mas é, talvez, vasta de mais.

Tendo notado as naturais dificuldades surgidas, e crente de que o triunfo de tão bela quanto louvável iniciativa não está somente no aparato de que por ventura logo de início a revistamos, mas também e principalmente na demonstração prática da sua utilidade, propuximos, pois, e continuamos a propôr, a restrição de tão vasto plano, por enquanto, a um simples escritório ou agência de informações sobre tudo que diga respeito ao Algarve, e ao Centro ou Grémio, de que poderá ser dependente o próprio escritório, — o primeiro centralizando todos os interesses económicos da província, dando indicações sobre os principais mercados estrangeiros, espécies preferidas e cotações dos productos, acondicionamento, expedição, etc.; e o segundo, facultando a todos os algarvios que se encontrem de passagem ou residam em Lisboa, um local de reunião onde se respire um pouco o ambiente do terreno natal, onde se realizem festas a que possam concorrer todos as famílias algarvias da colónia, e onde, enfim, se concentre um forte bloco de defesa e propaganda da província.

E nestas duas simples pedras, parece-nos, que deve assentar de vez o edificio que se projecta. Tudo o que vai além são excelentes sonhos, que podem, é certo, tornar-se dum momento para o outro em esplêndida realidade, — mas só depois de se ter começado por onde é justo que se comece.

E enquanto ela se não instituir, de facto, a desejada «Casa do Algarve», esta página da nossa revista continuará sendo a verdadeira «Casa» de todos os algarvios, como para os filhos das restantes províncias serão outras tantas que, nos próximos números, iremos abrindo.

MATEUS MORENO.

FIZ no dia 26 de Outubro sete anos que morrei na vila de Orlhão, vítima da pneumónica, o grande poeta que se chamou João Lúcio. Nunca é demais dizer-lo: morreu com trinta e oito anos de idade, na época radiosa do homem, precisamente quando o seu sonho de criador mais alto ascendia, demandando horizontes novos.

Não encontro no nosso país espirito mais moderno, com uma técnica mais nova e equilibrada. Muito se tem falado em Portugal em Arte Moderna, e nenhum dos que tanto têm falado produziu qualquer coisa que se compare com o *Descendo* ou com o *No Asa do Sonho*. João Lúcio é um milagre de ritmo e de imagens luminosas.

Não há em toda a nossa literatura emoção mais fresca, nem Poesia mais aristocrática! Mas isto sem cabotinismo, sem rebuscamento, — tão natural como o veio de água que corre no monte.

Já lá vão sete anos no remoinho do tempo, sete anos de poeira de olvido, tombando sobre as campas, sete anos de jornada no caminho da Eternidade, e cada vez parece mais viva a figura do Poeta, cada vez está mais formosa a sua Arte, cada vez mais se preocupam com ele todos os corações. É que a verdadeira coroa de louros é a saudade, é a lembrança, é a evocação dos Poetas mortos, é a impressão de que eles estão vivos e que encham da sua personalidade a seu país, o mundo inteiro.

É quem escreve com a sua alma, com a sinceridade da sua Arte, não morre mais!

Já comparei o «*Descendo*», algures, pelo seu ineditismo e pela sua individualidade, com o *Livro de Cesário* e com o *Só* de António Nobre. E de todos eles é ainda o «*Descendo*» o mais consciente, isto é, um poema perfeitamente girado, com princípio, meio e fim, um livro onde não há só observação, nem só sentimento, mas onde coração e cérebro se unem maravilhosamente, tendo por expressão uma forma poética que é talvez a mais perfeita de João Lúcio.

Pela escada que desce ao fundo misterioso
De tudo aquilo que a vista não alcança;
Pela escada que leva ao mundo nebuloso,
De que nos vem falar só a nossa esperança:
Por essa escada ím, no silêncio das janelas,
Como quem desce para um fundo cemitério,
Tão grande que não possa sustentar-se-lhe o fim,
Até poder sentir o coração das coisas,
Costumando o olhar à treva do misterio,
Até que a treva seja uma luz para mim.

Por essa escada vai o Poeta prescrutar os mistérios da vida, em demanda da Verdade, que «serão os Poetas que a hão de revelar».

E o que encontra, afinal, como substratum perene da vida, em tudo existindo e em tudo chorando? A Dor, a Tristeza!

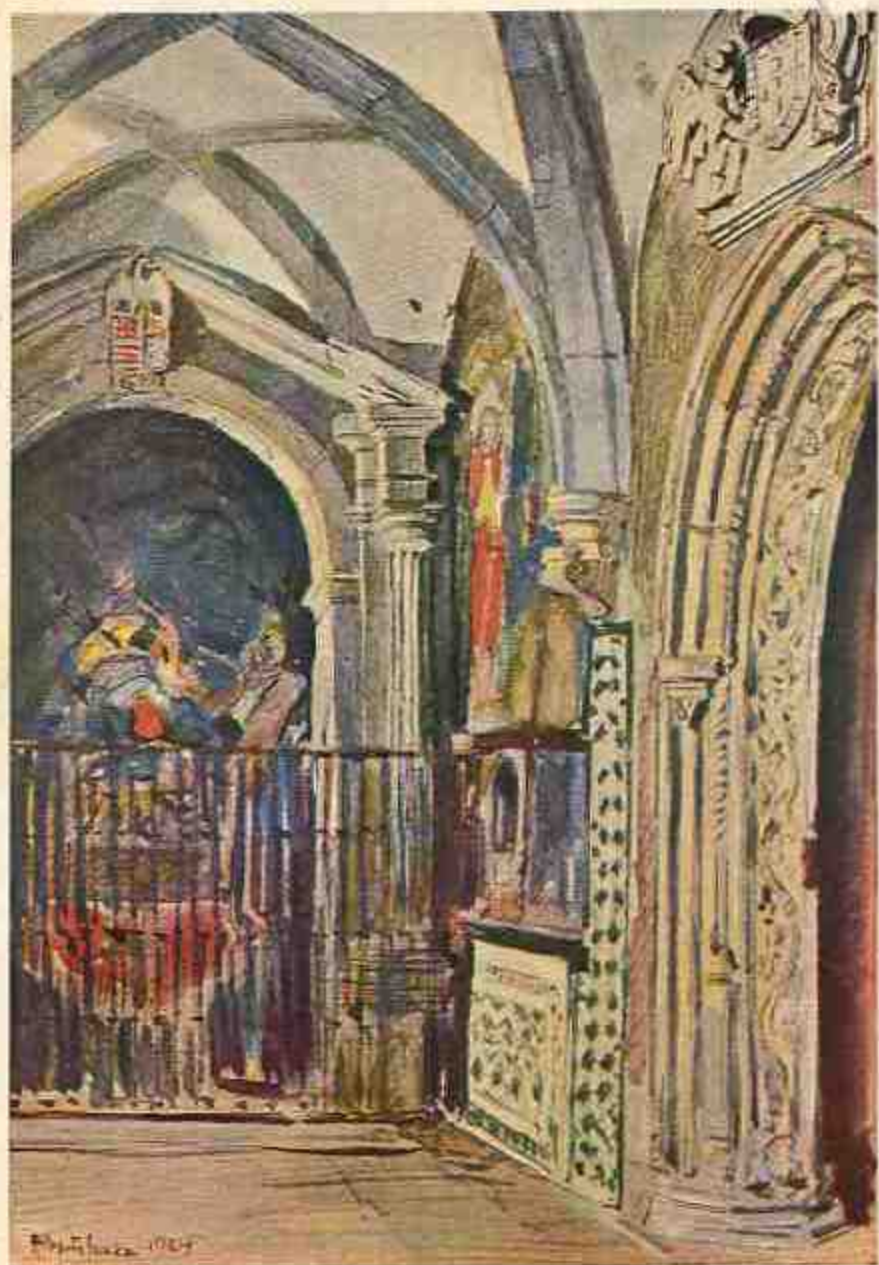
Oh tristeza do Vento a chover pela serra,
De noite, quando a luz tem medo e quer fugir.
Mãos do vento a cavar as entranhas da terra,
A cavar, a cavar!
A cora que fazes não vos pode servir:
A Tristeza e a Dor não se pode enterrar!
Oh tristeza do Orvalho a pensar prateada
Pelos ombros da floresta, a correr, em cristais,
Mãos do Orvalho a puxar a corda desdobrada
A puxar, a puxar!
Não vos serre esse laço, oh mãos que scintilam:
A Tristeza e a Dor não se pode enforcar!

Sete anos já rolaram sobre a labreguidão dos sepulcros, o seu corpo por certo já se desfez no lento transformar da matéria, mas João Lúcio cada vez está mais vivo e luminoso na harmonia de seus versos!

Que pretendo nesta página, em tão resumido espaço, nesta página que Mateus Moreno quis reservar, em cada número da sua revista, para a propaganda das belezas e dos valores algarvios? Desfolhar algumas palavras sobre a canga do Poeta, e trazer ante os olhos dos que não conhecem sua obra algumas versos fulgurantes que deem a luz que falta ao meu pequeno artigo.

Nada mais! Nada mais!

JOSE DIAS SANCHO



CLAUSTRO DO CONVENTO DA CONCEIÇÃO
EM BEJA

TERRAS DE PORTUGAL

AS ROMARIAS DA BEIRA

QUANDO chega o mês de Agosto, em que a terra começa a amadurecer, sorrindo os seus bagos como pequenos nababos satisfeitos; nos milharais alouram as massarocas das espigas e o sol rubro, como uma enorme brasa, esculpe e queima a pele — sob as umbelas misteriosas das legendárias carvalheiras da minha Beira-Alta, e pelos montes alcançados esvoaça nos ares o rumoroso festivo dos arruaes, a alegria limpa, vibrante das romarias.



Vouzela — Monte e e-mê do Castelo, e Monte Lafão.

Romarias! Romarias! Qual é o filho do Norte que as não lembra! São em Lourosa de Baixo, da Senhora da Nazaré, onde os ranchos alacres da mocidade esturdam numa animação louca; são da Senhora da Guia, na freguesia de Baiões; da Senhora dos Remédios, em Lamego, e outras e muitas.

Na região de Lafões, terra da boa vitela e do verdasco espumante, é a da Nossa Senhora do Castelo, em Vouzela — uma vila antiga de tradições fidealgas, — no mês de Agosto, e com descantes, bailados, «fogos de vistas e luminárias».

Esta romaria tem fama em toda a Beira-Alta.

Despovam-se as aldeias para que os crentes vão, em ondas rumorosas, recorrer à intercessão celestial da milagrosa santinha, porque o seu suave perfil, aureolado por um nimbo de divindade, ainda impera nas almas simples com a fé mais pura e com a crença mais viva.

A romaria do Castelo ainda é das festanças regionais que conservam o seu antigo carácterístico. Embora se sucedam as gerações no desenrolar do tempo e as novas ideias obliterem os sentimentos, ela fica sempre na mesma, com o seu entusiasmo religioso e profano e com os seus coloridos típicos de velho regionalismo. Enquanto ela não chega batem apressados os corações das raparigas, não há sangue que gire tranquilo nas veias, e aquelas a quem os anos já lhes pesam, chegam a sentir-se rejuvenescidos, compartilhando da alegria dos novos.

O velho estro popular, no seu sentimentalismo tradicional, desengasta do pitoresco flutério poético as melhores estrofas em honra da Santa Virgem:

A Senhora do Castelo
Mora no alto pinhozinho,
Quando lá não faz fresco
Sempre lá corre um arinho.

Hessa assim a caniga, e quer faça fresco, ou o calor caia fatiscante dum céu de fogo, não há rapariga que fique em casa, que deixe de vestir o seu melhor fato ou adornar-se com o seu melhor ouro, para se mostrar à Virgem do Castelo, para lhe garganteir a sua trova:

A Senhora do Castelo
Deita-lhes a «abon»
En que sou sua afilhada,
Alguma heide apañhar.

Não me posso recordar sem um duro travôr de saudade do tempo que já vai!

Neste dia dançava-se, saltava-se e abria-se na mesa franca o opíparo farnel onde, ao lado do leitão tostado, figurava a sabrosíssima «vitela de Lafões», de gloriosa reputação, e fitava-se o «verdasco», saído do pipete e fervendo na caneca em espuma como um Oceano!

Por aqui e por ali, entre as brutas penedras, assentavam-se os taróis, excitando no ambiente o odor acre dos petiscos. Depois... era rir, rir, sob um céu caridoso, e a gente a espiar-se pelo chão, de pança para o ar, lendo como um mortal que não tem dívidas... Tudo era prazer! Beijos, risos, abraços... tudo o céu do alto abençoava.

Um dos atractivos notáveis e pitorescos da festa, isto no meu tempo, que se estima num passado de muitos anos, era a pantomima de grande espectáculo, denominada a «Dança do Rei Mouro».

Muita muita pessoal — barbada, travestida em

donzellas, cavaleiros, pagens, militares, damas da corte — um conjunto barbaresco vestido com um guarda-roupa que vinha apodrecendo desde velhos tempos.

A representação da «peça» obrigava musica. Era ao ar livre, num palco improvisado de madeira, tendo por fundo um castelo, que era a habitação do Rei Mouro.

O ensaiador, que fazia o papel de protagonista, era o celebre Joaquim das Poldras: um homem alto, rijoe decidido, entra-

do em anos, pituando o seu tapé meio grosso, pessoa, celme, entendida em entrecuezes e tamarra — porque fora d'isto era um hábil artista.

Lá não vive, coitado, e levou para a cova o segredo da sua «peça», porque, depois d'ele, ninguém mais appareceu a imita-lo.

Toda a acção dramática era desenvolvida em torno do Rei Mouro — sultão requestador de donzellas pudibundas, as quais seduzia com galanteios, atraindo-as para o Castelo — uma espécie de serrallo turco onde o magnate tinha de exercer as suas lubricidades.

Nada menos do que oito donzellas calam nos braços do Joaquim das Poldras, que se espantava como um galo nos dominos da sua capoeira. Havia motivos coreográficos, bailados, danças de roda e até «passos» dum ninete muito *à la diable*.

E' de notar que esta representação tinha o seu ponto de contacto com a velha tradição. Pretendia nem mais nem menos o velho Poldras do que theatricalizar a celebre lenda mourisca que se diz de Figueiredo das Donas, numa aldeia de Vouzela, que envolvia a figura primacial dum nobre cavaleiro, ao mesmo tempo poeta e que escreveram os mais antigos versos que existem na nossa lingua.

No figurado figurado
A no figurado entrei
Seis minas encontrara
Seis minas encontrei, etc.

A lenda é interessante e vem a talho de foice trasladá-la para aqui como a apresenta Plínio Leal, que a foi buscar ao Frei Bernardo de Beito.

Montezú, filho de D. Afonso, o católico, e de uma escrava, pretendia usurpar o trono (como usurpou) a seu sobrinho D. Afonso, filho de D. Fruela, e para isto pediu e obteve o auxilio do Califa de Cordova, Abdel-Raman, em 783, mediante o vergonhoso tributo de 100 donzellas lusitanas, para os harems mouriscos.

Em 784, Orzila e mais 5 companheiras destes sitios, foram escolhidas pelos camareiros do imperador, para fazerem parte do tributo desse ano. Elas iam passando por Figueiredo, acompanhadas e guardadas por 20 mouros e 40 castelhanos, todos de cavalaria, além dos guardas de pé.

Um nobre cavaleiro lusitano, de sangue godo, natural de Lafões, chamado D. Gesto Ausar, era namorado de Orzila, que lhe mandou dizer a desgraça que lhe acontecera e pedir-lhe que a salvasse.

D. Gesto reuniu, à pressa, uns 30 homens de Lafões e com eles caiu de surpresa sobre a escolta que conduzia as donzellas a Mérida, quando ella passava a Figueiredo. O fim de D. Gesto e dos seus era tal, que os mouros e castelhanos morreram quasi todos em combate.

As damas foram libertadas e D. Gesto levou-as para o seu castelo e aí casou com Orzila.

Orá aqui está o que era a pantomima da *Dança do Rei Mouro*, onde o pobre Joaquim das Poldras lograva tornar-se uma figura importante e insubstituível como se prova agora que o era, pois com a sua morte desapareceu também este interessante numero das festas do Castelo, que fez as delicias dum punhado de gerações.

Pobre D. Gesto Ausar, meu amigo, que a terra te seja leve como leves me foram as gargalhadas que me fizesse soltar na minha estorpeada mocidade!

(Continua na última página)



EPISÓDIO MUNDANO

: : : «LEVER DE RIDEAU» : : :
 REPRESENTADO NO «TEATRO RECREIO»
 : : : DO RIO DE JANEIRO : : :

RAZÃO SENTIMENTAL

O

Men Deus! É preciso confessar que foi há cerca de 20 anos!?

Borboleta do Amor e do Desejo, voltava por essa época, dos braços dos boêmios para os dos ricos titulares, ou de altos diplomatas, no Rio de Janeiro, uma actriz portuguesa de secundíssima ordem, guitarrista e cantadora de fados.

Certos poetas brasileiros, que hoje são grandes senhores na política, na diplomacia, ou na literatura do seu belo país, tinham então, como eu, 20 anos, e queimavam a exuberante juventude numa estúrdia bizzarra. Alguns deles levaram-me, uma noite, ao camarim da guitarrista, dali fomos ir à casa dela, — uma casa que um conde lhe oferecera, pequena e finamente mobiliada.

Eu tinha chegado havia pouco de Portugal — e fazia versos. Era para a cantadora de fados... uma novidade patética. Quando a coza findou, declarou-me que tudo aquilo era bem seu: — a casa e o resto; e o conde corria.

«Portanto...»

Por essa ocasião — como hoje, — era eu um pateta sentimental e idealista, que só pressava na Mulher a castidade e a pureza.

Recusei.

De olhos muito abertos, ela, a muito desejada, mirou-me como a um animal anti-diluviano.

— E se lhe pedisse para escrever uma peça num acto, para a minha festa daqui a 15 dias? — riu então.

— Isso agora é outra coisa, — respondi. — Para quantos personagens?

— Para um. Para mim.

Escrevi este *Episódio Mundano*, que José Ricardo bondosamente marcou e a cantadora de fados representou a primor.

Desde que se conhecia, foi, talvez, o único quarto de hora da sua vida, em que foi pura e foi casta. Assim m'o afirmou, rindo.

Nunca mais a vi.

Dois anos depois soube que tinha partido, tuberculosa, dum catre de hospital, — abraçada á guitarra, — para o insondável.

— Seu nome? — Anette? Jeanette? Não me lembro!.

Era preciso uma peça num acto para este número. Fui a uma gaveta onde guardo vários trabalhos acabados, ou por acabar, e encontrei lá o *Episódio Mundano*. Mostrei-o a Mateus Moreno e contei-lhe a sua história. Poeta até às pontas dos cabelos, sensibilizou-se e declarou que estava bem. Eu acho que está mal. O leitor resolverá. O original tem ainda marcado a lápis, por José Ricardo, a determinadas alturas: suspensão, suspensão.

A. C.

Sala íntima, modernamente mobiliada. Ao centro uma pequena mesa, com uma fotografia num elegante «passe-partout».

Uma jovem de 20 anos, primorosamente vestida, diz:

— Foi este retrato que me salvou! (Pegando no «passe-partout») Oh! bendito sejas, retrato querido! Em boa hora aqui te coloquei! Não ficas lá, e o que seria de mim!?... Aquele infame! Aquele bandido!... Mas que estranho, que misterioso poder, há no olhar desse homem que aborrego?!

Sua fisionomia fulgurante, sua elegância dum antipático requinte, tudo n'ele denota, aponta e faz prever, o sedutor de profissão, paralelo dessas terríveis serpentes que fasciam e devoram as aves inocentes e incautas... Mas nem uma nem outra coisa devia eu ter sido, não! Assim, sou a tua presença aqui, retrato bem amado do ser por amor de quem vivo, eu ferri cuido nos braços desse miserável, sob o domínio absoluto do magnetismo dos seus olhos! (Pausa) Com o fútil pretexto de me saudar... apenas, — assim m'o disse ao entrar, — aqui veio. Começou falando-me de coisas frívolas; porém, desde logo o seu olhar, intencional e súbito, entrou a percorrer-me as formas, demorando-se aqui e além, investigando, provocante e sensual; depois, envolvendo-me toda, levou-me, dentro em pouco, a uma grande excitação nervosa, a um secreto mal-estar, a uma tal perturbação dos sentidos, que me fizeram esquecer a minha instintiva repugnância por ele (Fitando o retrato e o meu próprio amor por ti! E tudo, angustiosamente, num alheamento doloroso, numa recolta para que não tinha forças, como se um terrível narcótico desenvolvesse, lento e lento, a sua acção inutilizante da minha razão e da minha vontade! Pausa, fitando o retrato Os juramentos que te fizera num oceano de curtiços, os nossos reciprocos protestos de amor, e esses pequenos nodos, que enchem páginas e páginas do nosso lindo romance e, são a essência da minha vida, diluíam-se na minha memória, escapavam à minha percepção, como líbua de salvação que um naufrago já moribundo avista longe de si. (Pausa Horrora! horrora! Nova pausa E o malvado claramente compreendia o efeito produzido, já antes, decerto, calculado a frio, num misto de satisfação desdenhosa e de torpe vaidade de vencedor excecível! (Pausa) Nisto o ruído de um carro, passando na rua próxima, diminuía algum tanto o poder das suas palavras, agora hipnoticamente curtiçosas, e desviou-lhe de mim o olhar, por um curtíssimo segundo, chamado pelo receio de que alguém viesse parar á porta da minha casa.

Pude reanunciar uma vaga noção do que se ia passar, encetar um moroso regresso ao meu estado normal. Ergui-me do pequeno sofá onde estarmos sentados. Mas o carro não parou; passou, levando consigo o ruído que um só momento preocupara a fera enloquecida! Immediatamente euvi-me a erguer também, e, segurando-me nos braços, mais perto agora do meu o seu olhar, profundo, perturbador, as mirinas dilatadas, por onde noutra respiração quente me vinha agitar as faces, — de novo em mim subjugou recordações e raciocínios... E já os seus braços me enlaçavam num amplexo brutal, espiritual e fisicamente torturante; já os seus lábios tocavam a minha boca gelada, e já eu ia sacudir, pertencer-lhe, prostituí-me, envenenar para sempre a vida, ser atirado ao turvo abismo de uma desgraça irreparável, quando de súbito, casualmente, fitei em ti (Pegando no retrato com íntima comecção, salvadora e fiel imagem, os meus olhos desviados! Um lampejo de razão socorre-me inteiramente; readquiro toda a força de vontade; como se fora um herácles, empurro o miserável que me ia sacrificar ao seu capricho odioso; grito; solto-me daquela cadeia de músculos, que mais parecia de ferro; e, como da morte, — mais que da morte, da deshonra, — eis-me salva, salva, enfim!

E foi este teu retrato, esta tua imagem fulgurante — um momento empanada por aquele fatal magnetismo, em meu coração, foi este teu simples retrato que, surgindo ante meus olhos, me livrou daquela infâmia, d'aquela pérfida medonha! (Ajustando, em extase) Oh retrato bem amado, imagem querida, meu Santelmo do Amor!

(CAE O PANO LENTAMENTE)

ALCANTARA CARREIRA

(Direitos de reprodução, tradução e representação, reservados)

O BRASIL DE HOJE

A bordo do BENEVENTE

FOMOS há poucos dias hóspedes do Brasil... em pleno Tejo.

O Lloyd Brasileiro convidou as altas autoridades, sociedade, associações industriais e comerciais, exportadores e a imprensa, para um chá dançante a bordo do *Benevente*, linda unidade da frota daquela companhia de navegação, que o enérgico Comandante Cantuária Guimarães supremamente dirige do Rio de Janeiro.

Da visita feita ao elegante paquete resultou para todos uma bela impressão de fino gosto, perfeita ordem e esmerado asseio, sentindo-se em tudo, lá ao longe, a superintendência do grande director.

O delegado da Companhia, Sr. Artur Pinheiro Guimarães, o representante, sr. António de Sousa Leitão, distintos brasileiros, e o oficial da nossa Marinha, comandante Azevedo Taborda, que é o gerente da secção marítima dos Agentes, nossos prezados amigos srs. Pinto & Sotto Maior, receberam com extremos de gentileza os numerosos convidados para essa afectiva festa, a que presidiu o doce sorriso e a bondade da embaixatriz do Brasil, Madame Cardoso de Oliveira, ilustre por vários títulos, entre eles o do consórcio com um alto diplomata e fino literato e o de ser filha dum dos homens de mais valor que tem tido o Brasil: o grande pintor e pensador Pedro Américo. A seu lado suas gentí-

líssimas filhas representavam a graça e a elegância do Brasil. Sua Ex.^a o senhor Embaixador não pôde, com grande pena nossa, assistir. Mas esteve o distintíssimo secretário da Embaixada dr. Lafayette de Carvalho e Silva.

Outra ausência forçada, bem lamentável, foi a do nosso muito prezado amigo dr. Bor-



Grupo de convidados da linda festa, rodeando a ex.^{ma} Embaixatriz do Brasil, Madame Cardoso d'Oliveira

gos Fonseca, o queridíssimo cônsul do Brasil, em Lisboa. Do governo, estava o comandante Pereira da Silva, Ministro da Marinha, com sua Ex.^{ma} Esposa e os seus elegantes ajudantes, e que se destacava em meio dos grupos pela sua bela e simpática figura de valeroso oficial da nossa Armada. Da nossa sociedade, Madame Bettencourt Rodrigues, com sua Ex.^{ma} Filha e duas gentis ami-

gas; Comandante Rodrigues Gaspar, Carlos Couto, José da Silva Teixeira, Afonso de Macedo, Pinto de Vasconcelos, Adriano Teles e sua gentil filha, Raimundo Arruda, e entre outros, da nossa imprensa, Alberto Bessa, Albino Forjaz de Sampaio, Benedito, pai e filho, António de Figueiredo, Matos Silva, o representante da «A B Co» e um dos directores da «Alma Nova».

Em meio da visita ao «Benevente», tivemos a grande alegria de deparar, viajando a bordo, com António Parreiras e sua Ex.^{ma} Esposa. Foram, portanto, horas de evocação e da presença dos grandes pintores do Brasil. António Parreiras, a quem votamos uma antiga e sólida amizade e profunda admiração, acaba de ser eleito, por cerca de vinte mil votos, o primeiro pintor, no seu país. Apresentámos-lhe Forjaz de Sampaio, e os três, em uníssono, passamos deliciosos momentos fa-

lando do belo Brasil, que todos três amamos. Exortámos António Parreiras a vir expor trabalhos seus em Portugal, e o Mestre acedeu, ficando de nos avisar, com suficiente antecedência, da época em que teremos esse profundo regosijo. As danças apenas se esboçaram; mas o chá, amavelmente servido, foi um fino remate a preciosa visita.



O sr. Ministro da Marinha, Comandante Pereira da Silva, e o Comandante do Benevente

Teatros - Música - Cinemas

CARTAZ DO MÊS

TEATROS

APOLLO — Às 21 — Declamação
 AVENIDA — Às 21,15 — «Vaudeville»
 COLISEU DOS RECREIOS — Às 21 — Companhia de Circo. Domingos e quinta-feiras, matinees, às 14,30
 EDEN — Às 21,15 — Revista
 GYMNASIO — Comédia
 MARIA VITORIA — Às 20,30 e 22,30 — Revista
 NACIONAL — Às 21,15 — Declamação
 POLITEAMA — Às 21,15 — Declamação
 S. CARLOS — Às 21,30 — Declamação. Domingos, às 15, concertos pela Sociedade de Concertos Sinfônicos.
 S. LUIS — Às 21 — Zarzuela
 TRINDADE — Às 21,30 — Opereta

CINEMAS

SALÃO FOZ — Às 14,30 e 20,30 — Variedades
 CINEMA CONDÉS — Av. da Liberdade
 CHALADO TERRASSE — Matinees aos domingos e dias feriados
 OLIMPIA — R. dos Condes — Matinees diárias
 SALÃO CENTRAL — Praça dos Restauradores
 TIVOLI — Av. da Liberdade — Salão de luxo

A

ABERTURA

DA

ÉPOCA

FIGURA DO MÊS



CARLOS SELVA

Oficial do Exército e escritor dramático consagrado, é o autor da esplêndida peça *Miragem*, que fez a abertura da época, no Nacional.

QUASI todos os nossos teatros já fizeram ou estão fazendo a abertura da época de inverno.

Abrir uma época é, quasi sempre, um caso de vida ou de morte para uma empresa. Muitas companhias preferem, por isso, a repetição de peças já conhecidas. Não está bem. A abertura duma temporada deve sempre procurar trazer-nos qualquer coisa de inédito, qualquer coisa de novidade.

Também abusam as nossas companhias das manjares estrangeiros. É uma pecha lamentável, mas de que só o público tem a culpa, não iniciando mais aquelas já não desnaturalizarem tanto o teatro — e, conseqüentemente, a vida e os costumes do nosso meio.

Vejamos, porém, o que deverá ser a época que começa:

Nacional — Abriu com uma nova peça de Carlos Selva, *Miragem*, e fez sucesso. Promete representar alguns dos outros originais que ainda estão entregues ao Conselho de Leitura, além de várias traduções de peças italianas e francesas.

S. Carlos — Companhia Lucilla Simões — Inaugurou a época com a repetição da conhecida peça de Bernstein, *O Ladrão*, a que se seguiu *O Sinel de Almaraz*; *Príncipe João, de Meré*, e promete levar *Les Nouveaux Messieurs*, de Croisset (374 representações em Paris); os originais portugueses: *A Noite do Casino*, de Ramada Curto; *Perdão aos Senhores*, de Vasco Mendonça Alves, e ainda a adaptação da *Carmen*, por Tito Martins, fechando a temporada com o *Sansão e Israel* e, possivelmente, o *Hamlet*.

Politeama — Companhia Amelia Rey Colaco — Rubens Monteiro — Abriu com a repetição da *Zilda*, de Alfredo Cortez, a que se sucederam as traduções *Quando o amor acaba* e *Repórter de hoje*.

Em pleno êxito, a italiana.

Apolo — Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha — Fez toda a outono com a *Saltimbando*, peça de emoções fortes, tanto do gênero do grande actor, e dará a seguir: *O Inimigo do povo*, de Ibsen; e *A Tóberna*, de Zola, adaptada por Santos Pliora.

S. Luiz — Companhia de Zarzuela — Iniciou a época com duas peças espanholas, lindamente musicadas: *A Canção do Otrido* e *A Montaria*. A seguir dar-nos-á *Las Golfinas*, *Maridos Alegres* e *Amor de Zingares*, de conhecidas e notáveis partituras.

Trindade — Companhia de Opereta — Antes de começar a época que a empresa deste teatro dar-nos o lino gozoso de apreciarmos a preciosa recitadora mundial Berta Singerman. *Madame Pompadour*, é a peça inicial. Promete-nos novamente este ano a Grande Companhia Espanhola de Revistas — *Velasco*.

Eden — Companhia de Revista — Abriu com a magnífica revista *No pato do Tirizmo*, original de António Carneiro e João Saraiva, música de F. Duarte e N. Milano. Depois, irão aparecendo no cartaz: uma peça da Patrícia, outra de Silva Tavares e Victor Lopes, e outra ainda de Francisco Lage e Oliveira Guimarães. Todas revistas, já se vê.

Avenida — Companhia Satânica-Amarante — Peça inicial: *O Pão de Ló*, gênero "vaudeville", adaptação da Patrícia. Em seguida, a *Módo de Milão*, e outras.

Maria Victoria — Companhia de revista por sessões — Mantém o *Relaplan*.

Antes de fecharmos esta rápida resenha do que vai nos teatros, não queremos deixar de nos referirmos a uma casa de espectáculos que tem uma tradição gloriosa e agora mesmo acaba de renascer das próprias cinzas, como a Fênix da fábula. É o GYMNASIO. A sua reabertura far-se-á com a repetição da graciosa comédia *Guerra no Vinho*.

Apresentamos a todas as empresas e respectivas companhias as nossas sinceras votos de boa temporada.



A apresentação da COMPANHIA DO TEATRO GYMNASIO

Semeados: Gil Ferreira, Otella Bechada, Eugénia Montenegro, Antonia Mendes, Barbara Wolchart, Alina Aguiar, Eliza Santos, Juliet Magnoly, Ruyel Moreira e Dina Pereira. De pé: António Andrade (frontal), Tarquinio Vieira, Rafael Alves, Vital dos Santos, Malos Reis, Barros Lopes, Miguel Pereira e José Oliveira (contra-regra). Palcos: José D. Palmira Bastos, Silvestre Alegria e Henrique de Albuquerque, que andam em tournée.

A viagem dos Estudantes Portugueses ao Brasil

À Tuna de Coimbra, no seu regresso

ANDORINHAS do Sonho e do Amor, da Graça e da Poesia! Almas em flor, Salvé!

Cabeleiras ao vento, guitarras contra o peito, as negras capas em asa, levantastes o vôo da lendária Coimbra — da Coimbra do Chival e das tricanas, da Quinta das Lágrimas e do Mondego, da Lapa dos Esteios e dos Pencidos — e em alvoroço revoada, através do Atlântico, eis-vos em demanda do Brasil!

Chegastes lá e o Brasil deslumbrou-vos. A alma do Brasil fundiu-se nas vossas almas, e enamorou-vos, amoveu-vos profundamente, e a sua imagem vigorosa e altiva, encantadora e passante, gravou-se para sempre na vossa retina.

Assimilastes o progresso e de beleza, mimo de elegância e de encanto, pais de larga e franca hospitalidade, aberto a todas as iniciativas, fonte ubérrima de vida e de grandura, sim, o Brasil conquistou-vos!

Porque vós o vistes e admirastes, decerto, no palpitante frenetismo da sua vida moderna, enguendo esplêndidas capitais em meio de soberbas paisagens, e cultivando a ciência, as artes plásticas, a literatura, o ensino, a caridade e o amor, com indefectíveis esmeros.

E este o Brasil a que as vossas almas, andorinhas do Sonho e do Amor, foram levar o beijo espiritual do Raça.

Saudem-lo entusiasmamente!

c



Uma serenata em S. Paulo, pelos estudantes da tuna de Coimbra

E agora que regressastes, é mister recordar: todo aquele vastíssimo território foi cultura colónia portuguesa; para todo aquele estupefado desenvolvimento tem dado Portugal o que tem podido — dos seus melhores globulos vermelhos, dos seus mais fortes braços, dos seus cérebros felizes e dos seus mais saudáveis corações.

Tirai, portanto, a lição; meditati na que vistes.

Fordes lá, moços e senhores, ainda de batinas e capas esmurrando, mas dentro em pouco, capas e batinas deixar-vos-ão os ombros, para recolherem ao armário das recordações.

A vida — a grande luta — breve vos recisamará; e a Pátria, — ansiosa de renovação, de equilíbrio, de avanço, de gente pronta ao desentranhamento das suas riquezas morais e materiais, que são imensas, — aguarda-vos para a reivindicação dos seus filhos de nacionalidade coberta de serviços mundanos e de glórias imperecíveis.

Pois bem, é agir, trabalhar.

E se o vôo do Amor, do sonho e da poesia, ou a grandeza dos recessos das vossas almas em transição, e preparai-vos para a grande batalha, para a urgentíssima batalha nacional que se nos impõe.

A vossa própria via

gem a terras de Santa Cruz, trouxe-vos essa obrigação. É preciso tornar a nossa Pátria digna de si — e do Brasil.

o

Os portugueses que, como os que na «Alma Nova» se batem, não foram contaminados ainda pelo vírus do egoísmo, do baixo interesse, da torpe política e da medonha crise de carácter, que lava de les-a-les por todo o Portugal, esses — embora isolados em grupo, tendo de manter ao seu redor autênticos corações sanitários — esperam-vos dentro em pouco, ou para receber de vós entusiástica e valorosa colaboração, ou para entregar o passado e o presente às vossas mãos limpas, fortes e generosas.

A. C.

Apresentamos as nossas cordiais saudações a todos os elementos que constituiram ou acompanharam a Tuna de Coimbra, cujos nomes temos o prazer de aqui deixar registados:

Direcção: Jacob Pinto Correa (Presidente), José Torcato Ladeira e Alfredo Cunha (Secretários), Albino Gonçalves Dias (Tesoureiro) e Mário da Silva Raposo (Vogal).

Director artístico: Prof. Dr. Camara Leite. **Tanos e grupos vários:** António da Mota Lima, Angelo Ançã, Mário de Oliveira, Olindo Moreira Junior, Manuel Frasco, Anibal Almeida, Armando Miranda, Herculano da Conceição, Hugo Eloy, A. Ladeira, Francisco Veloso, Antonio Marques da Costa, Fernando Costa, Antonio da Cunha Cardoso, Alberto Leite, Henrique V. de Pinho, Carlos Sarmiento, António da C. Mascarenhas Junior, Francisco Fagundes, Manuel do Couto, J. Gonçalves Cerejeira, João da Cruz Neves, Manuel Marques, João Pereira, Antonio M. dos Santos Junior, Adriano Gomes, José da Rocha Peixoto, G. Mendes Barbosa, Joaquim Cabral de Andrade, J. da Silva Ramos, A. Gonçalves Dias, António Campos Junior, António Celorico Drago, Carlos F. Pereira, Augusto José Guerra, Frederico C. de Albuquerque, M. F. Salgado, H. Pereira da Mota, J. dos S. Mulaquias, Lucas Junot, Aires de Barros Faria, Justiniano Mendonça, Armando Reis Pinto, Agostinho Fontes, Edmundo Hettencourt, José P. de Oliveira, Paulo de Sá, Artur Paredes, Duarte Lobo, João Cunha, Manuel Neves, Luis Olinda Brandão, Carlos P. da Mota, A. Gomes de Almeida e M. Gomes de Almeida (orador).

Jornalistas: D. José Paulo da Câmara (Diretor de Lisboa), António Ferro (Diretor de Notícias), Octaviano de Sá (Imprensa de Coimbra).

o

A cella e linda cidade universitária recebeu com apreço os seus filhos espirituais, que vinham de a brindar e de se honrarem galhardamente.



Direcção da tuna e estudantes da mesma, rodeando, com o seu estandarte, o nosso director Alcântara Carneira, à sua passagem por Lisboa, de regresso a Coimbra

AS FESTAS DOS MERCADOS

brilhantermente
organizadas
e promovidas

O

Entronizar a Belera é proclamar o seu culto, é exaltar o sentido estético da vida, é dignificá-la e merecê-la, e a Belera é ainda e ha de ser sempre a melhor semeadora da Alegria.



As 12 pretendentes à coroa de Rainha dos Mercados de Lisboa

pelo vibrante
vespertino
„Diario de Lisboa“

O

As festas promovidas pelo *Diário de Lisboa*, para a eleição da mais linda vendedeira dos mercados da capital, tiveram assim um alto significado de cultura estética e de civismo



A Rainha eleita, D. Alda Fernandes, assistida entre as suas damas de honra, duas outras Rainhas eleitas, à tourada no Campo Pequeno, que foi realizada em sua honra



Alguns das figuras da grande comissão organizadora das encantadoras festas

A Comissão Organizadora foi assim constituída:

Presidente: Dr. Sebastião da Costa Santos, presidente da Câmara Municipal.
Vice-Presidentes: Columbano Bordalo Pinheiro, artista insigne, director da Museu de Arte Contemporânea; Dr. José Leite de Vasconcelos, etnólogo notável, professor, director do Museu Etnológico.

Vogais: Alberto de Sousa, artista pintor; Albino Abrantes, secretário do ex.^{to} governador civil; Alexandre Ferryler, vereador; Alfredo Anacleto Machado, arquitecto municipal; Dr. Alfredo Cruzado, vereador; Álvaro de Andrade, jornalista; Aquilino Ribeiro, escritor; Augusto Pina, scenógrafo e artista pintor; Dr. Caetano Beirão da Veiga, vereador; Carlos Simões Torres, procurador da Junta Geral do Distrito; Chaby Pinheiro, professor da Escola da Arte do Representante; Conde de Matos, dr. Tomás de Melo Bryner, vereador; Conde de Santar, D. Pedro Paulo

de Melo, director-delegado da Campanha do Mercado da Praça da Figueira; Eduardo Schwalbach, director do *Diário de Notícias*; Joaquim Faria Pires, vereador do *Palácio dos Mercados*; Dr. Joaquim Manso, director do *Diário de Lisboa*; Dr. Joaquim Pratas, antigo vereador; Gustavo de Matos Sequeira, escritor e jornalista; Leites de Barros, artista pintor; Raul Caldeira, vereador; Tito Martins, subdirector do *O Seculo*; o Representante da Associação dos Vendedores dos Produtos Agrícolas e Hortícolas; os Representantes da Associação dos Vendedores do Mercado da Praça da Figueira; Pedro Bordallo Pinheiro, jornalista.

Comissão Executiva que realizou o programa:

Joaquim Faria Pires, presidente, vereador dos Mercados; Albino Abrantes, secretário do ex.^{to} governador civil; Carlos Simões Torres, da Junta Geral do Distrito; Norberto de Araújo, jornalista.

A viagem dos Estudantes Portugueses ao Brasil

II

O regresso do Orfeon de Lisboa



O orfeon académico com o seu estandarte, na escadaria da sumptuosa entrada da Escola Politécnica de Lisboa

LISBOA preparou-se para receber com gaillardia o regresso da sua jovem embaixada académica ao Brasil.

Fez bem. Tanto os rapazes da turma de Coimbra, como os do Orfeon Académico de Lisboa, sonberam defender e honrar lá fora o nome português.

As manifestações de apreço e carinho, que por parte do povo e da academia, este, de facto, recebeu, só podem considerar-se excedidas pelas que, ao aportarem ao Brasil, lhes foram feitas pela mocidade d'esse admirável país e pelo patriotismo da nossa colónia.

Não há, por isso, um único estudante que não venha deslumbrado! Não há um único que não traga no recôndito da sua alma a promessa ardente de lá voltar um dia. E isto é útil, utilíssimo, — tanto para o Brasil como para Portugal.

Saudando os simpáticos moços que regressaram, julgámos poder saudar, no mesmo braço de fé, o Portugal de amanhã, — um Portugal em que o Atlântico não mais deve ser barreira de separação entre duas pátrias (como aliás o demonstraram, ao seu vôo maravilhoso, Sacadura Cabral e Gago Coutinho), mas o condutor de duas almas irmãs, vibrando ao ritmo das mesmas aspirações.

Acompañaram o orfeon: pela «Universidade de Lisboa», o distinto professor da cadeira de estudos brasileiros da Faculdade de Letras de Lisboa e ilustre escritor, dr. Manuel de Sousa Pinto, pelo *Diário de*



Estudantes do Orfeon e comissão de recepção do mesmo, em visita à Alma Nova

Notícias, Gastão de Bettencourt; pelo *Século*, o tenente-coronel Cristóvão Aires, o académico, Paulo de Brito Aranha, também orador do orfeon, representava o *Diário da Tarde*; e a convite da direcção, o dr. Zeterino de Sacadura Cabral.

Os estudantes do orfeon e a comissão académica promotora das festas de recepção do mesmo, tiveram a gentileza de visitar a «Alma Nova».

A nossa gravura representa:

Em cima: A direcção do orfeon com os seus directores e representantes, estando, da esquerda para a direita, sentados: Alcântara Carreira (Director da Alma Nova), Franco Ferreira (Presidente da direcção do Orfeon), Maestro Hermínio do Nascimento (Regente do Orfeon), e Mateus Moreno (Director da Alma Nova). De pé: dr. Manuel Gomes dos Santos (Representante da Alma Nova junto do Orfeon e orador do mesmo), Barradas Nunes, Carlos de Chaby (Director do Grupo Dramático), Luis Benavente (id.), e Paulo de Brito Aranha (orador do Orfeon).

No meio: O grupo dramático do orfeon. — Sentados: José Arruda, Carlos Viana (guitarrista), José Freitas e Alvaro Marques. De pé: José Amadeu Lourenço (guitarrista), Melo Lopes, Victor Moreira Lopes, Castro Campos, Paiva de Carvalho, Júlio Freitas e Estevão de Fátima.

Em baixo: A comissão de recepção do orfeon. — Sentados: João Correia de Matos, António Fagim (guitarrista) e Marcel Moreira. De pé: Gustavo de Freitas, José de Almeida, Mário de Almeida, J. Machado e António Gudinho.

VIDA DESPORTIVA

O Grande Circuito Hípico de Portugal

promovido pelo «Diário de Notícias»



Ten. Brandão de Brito
o 2.º classificado



José Tanguinho
o 1.º classificado



Cap. Silva Dias
o 3.º classificado

TEVÊ o seu desfecho a grande prova hípica do Diário de Notícias. Dos 39 cavaleiros que em 30 de Outubro saíram de Lisboa, 4 entraram em 3 do corrente, completando assim o raid dentro do prazo regulamentado. O primeiro a chegar foi o capitão Rogerio Tavares, que não pôde realizar a prova final por lhe ter morrido, horas antes, a montada. O segundo foi o civil José Tanguinho que foi por aquele motivo proclamado o vencedor da formidável prova. O terceiro e quarto, que ficaram classificados, respectivamente, em segundo e terceiro lugares, foram o tenente Brandão de Brito e o capitão J. Silva Dias. O civil Jaime Godinho, chegado pouco depois da hora regulamentar, foi o quarto classificado. José Tanguinho é neste momento o ídolo de Lisboa. Ao capitão Rogerio Tavares vencedor moral do raid, prepararam-se manifestações no meio militar. O primeiro prémio foi de 20 milhas e uma tape; o segundo de 6 e o terceiro de 4. As nossas gramíneas representam os 3 primeiros vencedores do raid, executando a última prova.

Foot-Ball

Ahriu, no terceiro domingo do mês último, 18, a nossa época de «foot-ball», conseqüente início do Campeonato de Lisboa.

Nos vários campos da cidade, pelo dia adiante, 116 jogadores trabalharam por adquirir uma situação que lhes permita disputar as almeçadas «finais», ainda tão distantes.

Que surpresas nos reservará o Campeonato iniciado na referido domingo? Ainda é cedo para fazer prognósticos, e, em assuntos de sport tudo é falível. Que o diga o Hockey Club!

De interessante houve a registar a «performance» do Benfica que fez jogar as suas 4 categorias — e todas elas conseguiram triunfar.

Eis os resultados dos desafios do referido domingo, 18, em primeiras categorias:

Sporting-União, 2-1.
Benelenses — Victoria, 1-0.
Caracavelinhos - Imperio, 4-2.
Benelenses-Casa Pia, 3-2.

Em 25: Sporting-Victoria, 2-0.
Benelenses-Casa Pia, 2-1.
União-Imperio, 2-0.
Caracavelinhos-Benfica, 0-2.

Classificação Geral:
Sporting, Benelenses e Caracavelinhos, 6 pontos cada.
Benfica e União, 4 pontos cada.
Casa Pia e Victoria, 2 pontos.

Hockey

No «rink» do Sport Lisboa e Benfica, jogou-se no domingo 18, a «final» do Campeonato de Hockey de Lisboa, que, mais uma vez colocou frente a frente o Hockey Club de Portugal (campeão) e o Sport Lisboa e Benfica. Foram 80 minutos de jogo correcto, rápido, e esplêndido de energia e entusiasmo. Aos 76 minutos de jogo, o Benfica aproveitou uma hesitação de Magalhães, e, consegue com uma bola enfiada com oportunidade, o Campeonato que durante 4 anos sucessivos o Hockey Club de Portugal ganhara.

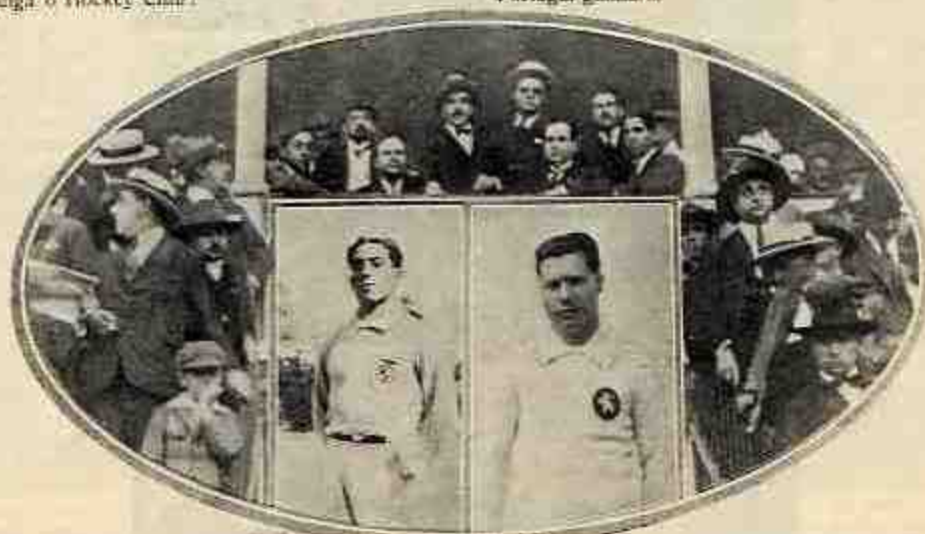
Entretanto o H. C. teve uma bola a seu favor, que o árbitro, não sabendo porquê, teve receio de validar. Este foi protestado, e, no nosso entender, com toda a razão.

Motor

Carlos Black, ganhou o «circuito», do Estoril, pilotando um Bugatti, seguido por Abílio dos Santos, num Mercedes.

Consta-nos que o nosso colega Os Sports está tratando mais uma vez de organizar a prova «A rampa da Pimenteira».

Será desta vez que os nossos «volantes», estarão dispostos a arriscar-se um bocadinho, e a deixarem as ruas de Lisboa para quem anda mais devagar?



Francisco Vieira e Cipriano, os dois guarda-redes, respectivamente, do Benfica e do Sporting, que no desafio que ultimamente estes dois Clubs realizaram, para disputa da Taça que tem o seu nome, estiveram ligados de grande valor. Este encontro foi favorável ao Sporting, por 2-1. Em cima, o campeão da imprensa, onde se vêem os jornalistas: Manuel Afonso (da «Bohème»), J. Ribeiro da Silva (do «Correio da Noite»), João Raposo (do «Sport de Lisboa»), Lúcio de Miranda (do «Correio da Manhã»), Henrique Vieira (da «Tarde»), Rafael Rodan (do «El Mundo Desportivo»), António de Figueiredo (dos «Sports»), e Af. Cantas Carreira (do «Terra e Mar», de S. Paulo, Brasil).

FAZENDA CARA...

POR

SAAVEDRA MACHADO

**O Galanteador:**

Vossa Excelência possui um esplêndido
tecido adiposo!

A Noya Rica:

Custou-me a 100 mil réis o metro, nos
Grandes Armazéns do Chiado ..

ROJÕES E BANDARILHAS A FESTA DOS TOUROS



CORRIDAS DE «VERDAD»,
EM PORTUGAL — AFICIO
NADOS E SENTIMENTALIS-
TAS — A ORIGEM DAS
TOURADAS — A BULA DE
PIO V E UMA «QUÁDRI-
LLA» DE ECLESIÁSTICOS



Três aspectos da 8.ª corrida com que fechou a série da feira de Vila Franca: vêem-se Harajós, Angelito e Simão da Velga lidando os seus touros (Câmaras do «A. B. C. Fotográfico», autos que existem desta corrida)

A PROPOSITO das corridas verificadas há pouco nas praças de Alcochete, Vila Franca de Xira e Santarém, espectáculos estes que foram promovidos com o fim de concorrer para a beneficência local, e que tiveram como principais cooperadores, nas duas primeiras, os artistas António Luís Lopes, Fânulo Barajós e Angelito de Triana, que tourearam de verdade, rojoneando e estoqueando rezes das ganadarias Ribatejana Limitada e Neto Rebelo — alguns organismos se agitarão numa contensão cuja sinceridade, embora mereça discussão, não constitui o principal objectivo da presente crónica.

É a tourada uma das manifestações de virilidade duma raça, que vem, através de séculos, vincando a vigorosos traços de magnificência lut, os primeiros duma arte que dá à coragem a mais elegante feição.

As corridas de touros, têm apologistas e detractores.

Os primeiros encontram no dito espectáculo a formosura sensual que lhes enardece a alma e lhes proporciona grande número de emoções. Para eles a corrida tem vida, colorido e arte.

Quanto aos segundos, não fazem mais do que derramar piedosas lágrimas, servindo-se duma piçunice boetia, numa extraordinária preocupação pela sorte dum touro bravo, sem que formulem a mais leve incriação contra o box, tiro, aos pombo, caça, pesca a anel e dinamite, circulação de carroças de exagerada carga, levando amarrados aos varais lamintos animais sujeitos ao chicote, ao agulhão e ao rancor de quem os conduz, e mais casus que constituem os espectáculos a que involuntariamente assistimos e que ferem tanto a moral e a decência como a humanidade.

Para os apologistas, a corrida é um espectáculo que regista uma luta leal, de que o homem pode sair vencido. Os detractores chamam em alta grita, como se se tratasse duma função obrigatória, confundindo o boi doméstico com a fera das bréjias.

São largos e convincentes os argumentos dos primeiros.

A corrida de verdade, à parte umas pequenas restrições, revela destreza, galhardia, arrojo.

Esteticamente admirável, rica de emoções intensas, a corrida, sob o ponto de vista tradicional, caracteriza-se pela evocação histórica de eras recuadas, em que a peleza traduzia a mais alicada significação, a ponto de a incluírem nos votos religiosos praticados após as victórias alcançadas pelos nãos, em várias empresas guerreiras.

Abundantes elementos para o estudo da psicologia do povo peninsular, fornecem os espectáculos taurinos, cuja definição aflora eternamente aos lábios das lindas manolas:

El arte de los toros ha bajado del cielo.

...Vem do céu, donde aliás provem tudo que

causa prazer e compraz os nossos sentidos. Sómente a índole dos povos da Península Ibérica, deu vulto, mais do que nenhum outro povo, à festa dos touros, festa que obscuramente se tem afirmado ser de origem sobrenatural.

É grande a diversidade de opiniões sobre o principio de tal diversão. Assim, há quem avenge que o início da arte taurina se manifestou em tempos imemoriais, em que ciclôpicos lidadores se haviam com enorme bestas bicornudas.

D. Nicolás Morafin, diz que a festa não vem do domínio dos romanos, mas sim dum costume árabe, que foi seguido pelos cristãos.

Esteban Calderon, no livro *Escenas Andaluzas* afirma que os espectáculos de touros não vem dos romanos, nem dos gregos, nem dos árabes; coincide com o nascimento da primitiva monarquia cristã da península hispânica, e, segundo um escrito atribuído a Clavijo y Fejardo, a festa teve a sua origem na Itália.

Fosse qual fosse o local onde primeiro se registou, o certo é que apaixonou os povos, incorporando-se nos seus costumes e aperfeiçoando-se a da ponto que hoje depende duma arte que é lumina a por uma das mais positivas sciencias.

Que é indicio de barbarie, dizem.

Salvo um ponto ou outro, absolutamente discutível, quem acredita em tal vislumbre?

Uma vez que o progresso caminha a gigantescas proporções, marcando aspectos de humilosa perfeição e vincando uma civilização pronunciada com vigorosa intensidade, em vários países, como sejam França, América e Itália, como se pode concordar com os certos vóos daqueles espiritos de resumida comiserção?

Até sob o ponto de vista social, as corridas tem interesse.

A Arte Taurinómica adquiriu plenitude, estabilidade e vigor, no começo da segunda metade do século XVIII, data em que a prática dos dogmas do toureio deixam de ser exclusivo da aristocracia, para depois se afirmar a igualdade dos direitos do homem.

Pelas gerações adiante, a aficção aos touros, desenvolve-se, toma crescente volume, coroada pelo prestigio toureiro de dois países — Portugal e Espanha, — aquele no toureio equestre e o ullino no de a pie.

Hoje há um exército de profissionais do toureio, tendo os artistas tantas corridas a aumentar no seu croquis da temporada, a maneira que o tráfico ferroviário se desenvolve.

Para conduzir os diestros, trabalham os autos de lóca e aeroplanos — haja em vista Juan Silvel, que já possui o brevet de aviador.



JOSÉ LUÍS RIBEIRO

(Pepe Luis)

Nossa crónica taurinómica

A's vezes voam de tal maneira, que não voltam mais. . .

No tempo de *Bombê*, já era reputado como cifra estupenda, o número de (6) corridas numa temporada. Veio depois *Guerrita* com 80, *Belmonte* com 99 e o saudoso *Galvão* com 103.

Em abril último entrevistei para a *Capital* o quasi doutor em medicina e hoje um valente matador *Sanchez Mejias*, que me comunicou ter 82 contractos para 82 dias seguidos.

Litri e Niño de la Puina, se não ultrapassaram a casa dos cem, na presente temporada, é porque alguma colheita reduziu as parcelas.

O barómetro da *Torero* sobe sempre. Antigamente aguardava-se a passagem da piedosa Quaresma para no Domingo de Pascoa irmos de abalada, com amigos ou familia, em carro de parêlha enguassada, até à praça de touros.

Actualmente, a inauguração da época é antecipada.

Em Espanha, país fervorosamente católico, há uma vintena de anos já as novilhadas começavam em fins de fevereiro. Ali as praças são monumentais, — em Barcelona, Sevilla e Madrid.

Na capital, além dos dois circos que possui, vai em breve ser inaugurado um outro, que comportará 35.000 pessoas.



O cavaleiro José Casimiro, agradecendo as entusiásticas aclamações que o público dirige ao artista e seus filhos, que na mesma tarde alcançaram grandes triunfos.

Por certo que vários se pareciam extraordinariamente com o *diestro* *Vicente Pastor* e outros tinham cara de picadores! . .

: : PEPE LUIS : :

○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

Saudação ao Brasil!

PALAVRAS ESCRITAS PARA A IMPRENSA BRASILEIRA,
NO PRÓPRIO MOMENTO EM QUE O «ORFEON ACADEMICO DE LISBOA» RECEBIA, AINDA A BORDO DO
«RAÚL SOARES», OS PRIMEIROS CUMPRIMENTOS
DE BOAS VINDAS

○ ○

Maior bemdito da Pê-lusitã, que permitiu aos estudantes portugueses virem até ao Cruzeiro do Sul, numa verdadeira romaria da Raça, para cumprirem a promessa do seu lúmen amor, da sua dedicação pelo Brasil!

A esta linda terra eucaliçada, que as caravelas de Portugal vieram desencantar, os estudantes do Orfeon Académico de Lisboa erguem bem alto as suas capas, num grande abraço de saudação, que para sempre ficará vinculando as duas Pátrias, irmãs pela Raça, pela língua, pelo sentimento, pelo mesmo anseio de prosperidade! — M. GOMES DOS SANTOS

○ ○

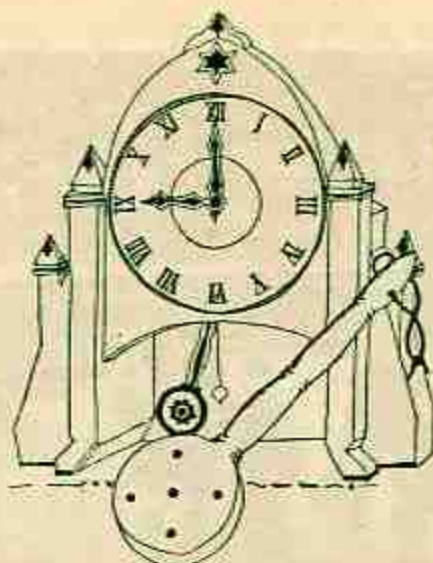
Hermínio do Nascimento, Eduardo Franco Ferreira, Alberto Amarante, Carlos Viana, Luis José Frade de Almeida, Fernando José da Costa, José Duarte Ayala Botto, Miguel de Almeida, João Baptista Schiappa Azevedo, Armando Barradas da Silva, Luis Alberto Rebelo Teixeira, Julio Albuquerque de Freitas, Alvaro Cesar da Silva Martins, Manuel Torres Marques, Carlos Augusto Teixeira de Sousa, George Teixeira Matias, José Alfredo de Freitas, Antonio dos Santos Pinto Pereira, José Ricardo Bento, Teófilo Leal, Lino de Sousa, José Amadeu Lourenço, José Ferreira Gomes da Costa, Ernesto Monteiro Gôes Pinto, Julio Alberto de Serzedelo, Fernando Eduardo das Neves, Antonio Augusto Nogueira, Eduardo Lima Bastos, Joaquim Augusto Barros, Antonio Martins Alonso, Paulo de Brito Aranha, Antonio Abrantes Mendes, Manuel José Azevedo Lima, Joaquim Augusto Feliz, José Ponze Alvarez, Luiz Tito Pereira Bandeira, José Antonio Manique Albuquerque, Rodrigo Coelho Gonçalves, Francisco Antonio dos Santos, Armando de Matos Cordeiro, Francisco Pessoa de Amorim, Antonio Hasse Ferreira, Mario Pires, Aurelio Chagas Franco, Portirio Augusto de Sousa, José Alberto Ferreira, Eduardo Augusto Simões Fonseca, Manuel da Cruz Malpique, Santos Pereira da Conceição, Augusto Rocha Borges, Gastão Faria de Bettencourt, Edmundo Abreu e Melo, Jacome da Cunha Delim, José Cabral de Vasconcelos, Antonio Aurelio Castro Campos, Carlos Afonso Azevedo de Chaby, Armindo José Rodrigues, Henrique Vieira, Jorge Mario Melo e Castro Sousa, Silvestre Tomé Dias da Silva, Luis Benevente, Virgílio Arrada, Julio Cesar Lopes Barbosa, João Paulo Barbosa Batista, Alvaro Brilhante Labarinho, Carlos Manuel Prazeres, José Prazeres, Victor Moreira Lopes, Paulo Emilio Cavique dos Santos, Artur Eugénio Almeida Rocha, Joaquim José Scherman Velho, José Joaquim Carvalho e Reis, Manuel Rego de Sousa, Antonio Dias Costa, Antonio Candido Bastos Guerra, Augusto da Silva Serrano, Mario Humberto Ferreira Marques, Luiz Cardoso Junior, Honoré Marques da Cunha, Ricardo Chaves de Almeida, Francisco do Nascimento, Pedro Velho Alvarez Cunha Bolem, Eurico Bensabat, Serafim Augusto da Silva Garcia, Flavio Santos, Armando Hade Ferreira, Fernando Antonio Melo Lagos, Alberto de Sousa Oliveira, Vasco Decio Cruz, Antonio Corrêa da Conceição, Felipe Joel da França Feliz, José Damiano da França Feliz, Mario Pires de Albuquerque, Manuel Pereira de Oliveira, Octavio da Fonseca Brito, Adriano Paulo Marques Capote, José Rebelo Valente de Carvalho, Eduardo Henrique de Sousa Gentil, Carlos Alberto Paiva de Carvalho, Henrique Soares Rodrigues, Domingos Martins Alvarer, Esterão Segura Nimenex Faria, Joaquim Barradas Nanes, Manuel de Castro Almeida, Alvaro da Rocha Cabral, José Manuel Fernandes.

○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

RECORDAÇÕES

E

NOVELAS



O RELOJIO

DA

MINHA ESCOLA

SEMPRE que invocamos os nossos tempos escolares, sentimos chegar até nós, numa poelrada de luz, um hondo alegre de saudades. Temos saudades de tudo. Lembramo-nos sorridentemente daquele condiscípulo que arreliava o mestre, por nunca saber a lição, e também dum outro enfiado que passava a aula a fazer caretas.

Mas, dentre todas as recordações dos meus tempos infantis, há uma que bastante prende o meu espírito — a do relógio da minha escola.

Este era um objecto de fin gôsto, com uma aparência elegante e artisticamente acabado. A sua apresentação era distinta e denotava uma ascendência nobre, talvez saído das mãos de algum relojoeiro aristocrata.

Creio, no entanto, que o artefacto descurara um pouco o seu maquinismo, motivo porque falseava a sua origem, adoptando às vezes um irónico principio dos socialistas preguiçosos — um descanso de sete dias na semana.

No momento em que escrevo não posso distinguir a marca de tão precioso medidor do tempo. Suponho que deve ser um relógio de todos, talvez daquele sistema que Gilberto, arcebispo francês, inventou no século X.

É claro que o relógio não era desse século.

Na escola regia gossava da mais alta situação — estava por cima da cabeça do mestre.

Lá do alto do seu assento dominava ele a aula inteira e era contemplado ansiosamente como se a sua rendilhada caixa — pequenino oratório — deixasse ver lá dentro, nas horas de aflicção, a milagrosa Santa Rita, a senhora dos afilhos.

Ele era para a escola o que o relógio da torre é para a população da minha terra. De dia advertia para o trabalho ou para o descanso; de noite, quando tudo dorme, só ele vela, só ele se faz ouvir no silêncio das trevas, pronto sempre a despertar os que tenham de se erguer de madrugada para ganhar o pão de cada dia.

Com o relógio da escola dava-se quasi a mesma coisa. De manhãzinha o seu toque era muito familiar, claro e alegre. Parecia falar-nos e nos compreendiamos-lo:

— Para o trabalho, meus meninos, já são nove horas; o sol já vai alto, o lavrador já trabalha lá muito e o operário também. Vinde, meus meninos, é preciso aprender.

Aqueles que ficavam na cama, segredava-lhes, com voz grave:

— Preguiçosos, levantai-vos e vinde estudar com alegria, para serdes um dia uns homens úteis a sociedade.

As quatro horas tinha outro som. Parecia dizer:

— Estou contente convosco, trabalhastes. Ide brincar e descansar, mas não esqueçais as vossas obrigações, e até amanhã.

Era como se ve um relógio importante, o relógio da minha escola! Não tão célebre como o da catedral de Strasbourg ou o de Berne, porque não tinha em movimento figuras muito grandes. Simplesmente, logo que batiam as quatro, movia uma personagem muito grande para nós — o nosso professor, que se via obrigado a mandar sair, facto para nós mais importante do que o descobrimento dum elixir de longa vida.

Ora, era justamente isto que tornava o relógio simpático para todos. Com quatro badaladas punha tudo na rua.

Eu também nutria por ele certo affecto, mas esse sentimento esmoreceu-se, em razão de dois acontecimentos sensacionais, dois episódios dignos de relato.

Num sábado, dia de doutrina, fora chamado ao catecismo. O meu mestre perguntou, num tom de sacerdote:

— Quantas são as obras de misericórdia?

E eu, numa voz cantante, papagueei:

— São catorze: 1.ª — ensinar aos ignorantes; 2.ª — e disse outro disparate.

O professor, furioso, respondeu imediatamente:

— 1.ª castigar os que erram, — e vá já pôr-se de joelhos até ao fim da aula!

Terrível sentença! Era uma desconsideração aviltante, que ia ferir o meu amor próprio, o meu orgulho de criança estudiosa.

Olhei para o relógio e vi que para o fim da aula faltava um quarto. Um quarto de hora de joelhos!

Se tivesse já conhecimento da vida de Isabelas, lembraria-me da seu terrível quarto de hora.

Pus-me então a cumprir o castigo. A todo o momento esperava ouvir as quatro, para me libertar de pena tão humilhante. Mas, qual não foi a minha raiva, quando, num rápido olhar, observei que o relógio havia parado e que a tão desejada hora da saída não chegava.

Lia a Bíblia que a estrela do dia — imenso cronómetro da Terra — parou uma vez por determinação de Jesus. Todos acreditaram numa vontade divina e calaram-se, espantados. Eu, diante daquele infimo rival do Sol, só julguei ver uma força diabólica, e quedei desesperado.

Confesso que não sei mesmo descrever o que se passou na minha alma de criança, ao ver que os ponteiros não andavam.

Por ser tímido e obediente, não repontei; mas o relógio, esse arrastou-me.

Doutra vez escrevi num ditado *lato sensu* e não pus um ponto num *ê*. Isto equivalia a um par de palmatoadas em moeda forte. Eram as primeiras que apanhava e isso deprimia-me, vexava-me, tanto mais que eu manifestava aos meus condiscípulos um certo orgulho por nunca ter apanhado com a *menina dos cinco alhos*. (Era este o nome da palmatória).

Uma vergonha! Mas que fazer?

Estendi a mão contrariadamente, quasi revoltadamente, e recebi duas bem soadas. E, caso curioso! no momento preciso em que senti a prita operação terminada, o relógio dava duas pancadas como se quisesse, irónicamente, arremedar aqueles *dois* amargos. Aquelas pancadas foram por assim dizer o eco sinistro dos gritos da palmatória.

Como eu me recordo bem! Nas minhas mãos: a palmatória *pa!!!*

E o relógio, por sua vez: — *ta!!! tá!!!*

São passados mais de vinte anos e ainda lá vejo o relógio e o professor. Mas como eles estão diferentes!

O professor sorri-me carinhosamente, já não me parece mais nem está zangado.

Só agora sei que por detrás daquele aspecto grave, daquela siudez quasi agressiva, se ocultava a verdadeira amizade, — tal como por detrás dum terrapão negro de nuvem está a face dourada do sol.

E só agora vejo também, que o relógio da minha escola regia, — modesto funcionário do Tempo e do Estado — se não desempenhava a sua tarefa de dar horas com zelo, assiduidade e muita competência, era única e simplesmente porque aprendera logo à nascença os vícios do artista que o fez — o homem.

Hoje tenho por esse relógio, mais do que simpatia, admiração e respeito. E que o relógio tem uma missão honrosa a cumprir — que afinal é a missão de todos nós — trabalhar.

• JOSÉ •

GUERREIRO

• MURTA •

(ILUSTRAÇÃO DE ROBERTO NOBRE)

AOS NOSSOS JOVENS ESTUDANTES:

PARA QUE SEJAIS « HOMENS »

OS BONS EXEMPLOS

VOU fazer-vos dum assunto sério, muito sério: não tão interessante para vós como o foot-ball, porque ainda sois muito novos para o comprehendê-lo bem, mas que, desde já, vos deveis habituar a estudar, como estais o foot-ball. Trata-se do ideal de virdes a ser *Homens*, o que é muito mais complicado e difícil do que julgais.

Mas vamos a um exemplo. Seja o seguinte: Um médico regressou a casa numa noite tempestuosa de inverno, cansadíssimo, depois de visitar muitos doentes. Apenas adormecido, vieram chamá-lo a pressa para uma criança pobre, a alguns quilómetros de distância. Apesar dos conselhos em contrário: que não valia a pena; que não se ralasse tanto; que aquela gente não era merecedora do que ele se cansava; que a criança, sendo uma desgraçada, melhor era que morresse, — apesar desses conselhos, mandou selar o cavalo e partiu. O vento soprava frio e a chuva inundava a estrada. O cavalo caiu e ficou inutilizado. O médico resolutamente continuou o caminho a pé: e conseguiu salvar a criança. Realizara o alto fim que o arrancara das comodidades do lar. O que nele havia de superior venceu tudo o que se opunha ao que ele tinha de superior a cumprir.

Ora, que vemos neste exemplo?

O médico dominando-se a si, dominando todos os obstáculos para atingir um determinado fim, e a criança salva e a família radiante.

Vemos o indivíduo lutando pelo bem da sociedade, e ao mesmo tempo a sociedade (condicionando, provocando o acto que dignifica, honra, enaltece o indivíduo) contribuir para formar a sua personalidade: — palavra sagrada que significa o homem na posse plena do seu ser, posto ao serviço dum ideal superior.

O médico, no exemplo que citei, deveu ser vós, estudantes: as pessoas que deram os conselhos ao médico, a criança, a família dela, todas as dificuldades que apareceram: o meio social português.

O indivíduo, para se desenvolver, ser alguém, ser *Homem*, precisa, portanto, da sociedade: a sociedade para caminhar, para prosperar, precisa do indivíduo.

Paros estais de saber, não só por vo-lo terem dito os vossos professores, mas por o terdes lido nos jornais, que a sociedade, o meio social português, está muito doente, minado há quatro séculos por vícios, doenças de toda a ordem; que por vezes esse estado se agrava de tal maneira (como está succedendo há uns tempos para cá, que parece que Portugal vai morrer, que de novo, como em 1580, vai voltar o domínio estrangeiro, com todos os seus horrores).

Estais fartos, em suma, de saber que o relaxamento,



ATONSO HENRIQUES
DE

SOARES DOS REIS

OBRA NOTÁVEL DUM GRANDE
ESCULTOR PORTUGUÊS.
NA FIGURA DO NOSSO PRIMEIRO
REI, ENERGICA, POSSANTE, INTELLI-
GENTE, ESTÁ COMO QUE O SOM-
BRO DO VELHO PORTUGAL DOS
PRIMEIROS SÉCULOS, EM QUE OS
PORTUGUESES SOBERARAM, SER
HOMENS

(A continuar: B — A influência do meio)

A R E I S M A C H A D O

o

Fazer-se *Homem* — é esse o fim soberano
da vida, e arte, sciência, filosofia
seriam vãs: se não fossem
meios e instrumentos
para esse fim.

ANTERO DE QUENTAL

a preguiça, a corrupção, a falta de educação, a indisciplina, o desperdício, dominam o meio social português, ameaçando preparar uns tristes dias a Portugal. Deixei em volta de vós frases como estas: «Esta tudo perdido», «toto é quem se rula». E ouvis contar histórias, infelizmente verdadeiras, como a que segue:

Um belga, um habitante da pequena e laboriosa Bélgica, foi a uma repartição pública, em Lisboa, colher uns elementos para um trabalho. Procurou o funcionário competente. Foram 13 horas. Não tinha ainda chegado. Voltou às 16. Já tinha saído. Passou em seguida pelo Russo. O passeio ocidental cheio de gente parada. «O que faz toda aquela gente ali?» — perguntou. Resposta: «Não faz nada, está a matar o tempo, está a ver quem passa».

E nesta atmosfera de desânimo e de inércia, vendem-se consciências como simples mercadorias: quem trabalha, quem é honesto, é considerado parvo; as mais belas palavras servem de rótulo aos mais baixos instintos e não há confiança em ninguém.

E' pois terrível o meio social em que viveis e com uma semente cheia de força, mas lançada num mau terreno, arriscar-vos a vir a ser, em vez duma planta útil e robusta, um pobre vegetal estiolado.

Mas quanto pior é o meio, mais valor há em o dominar, em saber fugir à influência má que ele exerce.

Eu vou procurar dizer-vos o que tendes de fazer para dominar o meio e não serdes dominados por ele, para libertar o vosso ser de todas as influências más que procuram escravizá-lo, tanto mais perigosamente, quanto vos tornam escravos, persuadindo-vos de que vos tornam livres.

Nunca conhecestes certos indivíduos que passam existência descrendo de tudo, fazendo pouco de tudo e de todos, todos considerando uns infantes e gozando a vida à custa deles num falso gozo com que procuram iludir-se a si mesmos? Tem havido e há muitos em Portugal; alguns chegaram a impregnar do seu pobre espírito a literatura portuguesa, envenenando gerações. São homens livres? Não, coitados, são escravos.

Ora é na liberdade, mas na verdadeira liberdade, — no domínio do que em nós há de inferior e na rejeição ao que em nós há de superior, que encontrareis a maneira de vencer o meio, de o transformar num sentido melhor, em vez de serdes vencidos por ele e transformados num sentido pior; é nela que encontrareis a maneira de em vós criardes uma personalidade: felicidade suprema, em que todas as vaidades, as invejas, as malandracas desaparecem, para darem lugar, apenas, ao espírito livre — trabalhando, produzindo, criando.

NOTAS SUBSIDIARIAS PARA UMA BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRANDE GUERRA

Pelo capitão JOSÉ BRANDÃO

1.ª PARTE. — OBRAS ORIGINAIS PORTUGUEAS — TÍTULO II. — LIVROS (VERSO)

- 203 **Almeida Russo** (Rogério Marques de) — (Cap. Mil.º de Artilharia, do 3.º G. B. A. do C. E. P.) — «Arquivo Poético da Grande Guerra» — 270 p., c. il. pelo Tenente João Lima, il. com fotogr. de assuntos da Guerra e vinhetas do mesmo, Major Joaquim Leitão e do Autor, Tip. da Comp.ª Port.ª Editora, Porto, s. d. (1924). Edição do Autor. Com prefácio e Nota final.
(E' a compilação de 122 poesias de combatentes da Grande Guerra).
- 204 **Alves** (Francisco) — «Ouvi — Poema da Vida» — 133 p., c. il., Imprensa de Manuel Lucas Torres, Lisboa, s. d. (1919). Edição do Autor.
- 205 **Ançã** (Manuel) — «A Valorosa Bélgica» — Poemeto, 100 p., il. com o retrato e fac-simile da assinatura do rei da Bélgica, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa, 1917. Edição da Livraria Ferreira, Lisboa. Com uma Nota final do Autor, referente à génese do poemeto: a invasão da Bélgica pelos alemães.
- 206 «**Aventuras** dum soldado português nas trincheiras da França» — folh. 8 p., c. il., s. l., Lisboa, s. d. Edição de Salvador dos Santos Romano.
- 207 **Barata da Rocha** (Alfredo) — (Tenente médico, do Bat. de Infantaria... do C. E. P.) — «Fala a mãe desconhecida do herói desconhecido» — folh., Porto, 1921. (Esta poesia foi depois incluída no livro do Autor, posteriormente publicado, — «Névoa da Flandres»).
- 208 **Idem** — «Névoa da Flandres. Versos de Alfredo Barata da Rocha, Soldado da Guerra Grande, 1917-1918» — 134 p., c. il. por Antonio Carneiro, Empresa Industrial Gráfica do Porto, Porto, 1924. Edição da Renascença Portuguesa, Porto. Prefácio do Autor.
- 209 **Barros** (João do) — «Ode à Bélgica» — 16 p., Tipografia A Editora, Lisboa, 1914. Edição de Aillaud Alves & C.ª, Lisboa.
- 210 **Idem** — «Oração à Patria» — 87 p., c. il., Tipografia de A Editora, Lisboa, 1917. Edição da Livraria Aillaud, Lisboa. Tem 2.ª edição.
- 211 **Brochado** (Alfredo) — «O sangue dos heróis» — Ode, 8 p., Amarante, 1921.
- 212 «**Cartas de França**, do soldado à sua namorada» — folh. 8 p., c. il., Tipogr. da casa Progresso, Lisboa, s. d., Edição de Salvador dos Santos Romano. (E' o volume n.º 13 da «Colecção Popular»).
- 213 **Casimiro** (Augusto... dos Santos) — «A Hora de Nun'Alvares» — 48 p., c. il. por Alberto da Sousa, Tipogr. da Sociedade Tipográfica Editora, Lisboa, s. d. (1917). Edição da «Atlantida», Lisboa.
- 214 «**Caroulas** (As) do Kaiser» — folh. 8 p., c. il., Imprensa Lucas, Lisboa, s. d. Edição da Livraria Barateira. (E' o vol. n.º 24 da «Colecção Popular»).
- 215 **Corrêa d'Oliveira** (António) — «Soldado que vais à guerra» — 83 p., il. com vinhetas, Centro Tipográfico Colonial, Lisboa, 1918. Edição da Livraria Portugal, Lisboa.
- 216 «**Despedida** (A) dos nossos oficiais e soldados que vão para a guerra» — folh. 8 p., c. il., s. l., s. d. Edição de Salvador dos Santos Romano.
- 217 **Dias** (António) (Niotano Saide) — «Grito de Camões» — folh. 14 p., com retrato do Autor, Minerva Central, Coimbra, 1916.
- 218 **Carvalho** (Xavier de) — «Cantos épicos da Guerra» — folh. 32 p., Paris, 1918.
- 219 **Caldas** (José Luis de) — «Mundo de feras» — Poemeto, 69 p., Lisboa, 1924.

(Continua)

TERRAS DE PORTUGAL

AS ROMARIAS DA BEIRA

(Conclusão)

A capelinha da Senhora do Castelo fica assente no pinheiro do Monte Alafão, rutilante de brancuras de cal e festiva na limpidez do azul dilatado do céu.

Sobre a data em que foi fundada perdem-se as minhas cogitações nas eras mais remotas da antiguidade.

Nada diz o *Santário Mariano*, de Fr. Agostinho de Santa Maria, publicado em 1716, que faça luz clara, antes refere a traça da Ordem dos Agostinhos Descalços «enquanto à origem e princípios deste Santário, não pude descobrir coisa alguma com certeza». Nos *apontamentos históricos*, assinados por Fernando Lopes d'Almeida — o 5.º senhor de Lafões — apresenta-se como autêntica uma historietta de amores e dela tira a fundação desta ermidã.

Foi passada na corte de Alonso V, onde havia uma distinta e nobre dama, de peregrina beza, D. Isabel de Castro, que se tomou de amores com D. Vasco d'Almeida, cavaleiro de nobre estirpe e da intimidade do rei, primo do famigerado D. Duarte d'Almeida, impagável figura da batalha de Toza, que os *Apontamentos* dão como oriundo da casa senhorial da Cavalaria, em Vouzela.

Os jovens namorados morriam um pelo outro. D. Vasco, que era um austero caracter de português decidido, em virtude de intrigalhadas

políticas dirigiu palavras acriminosas às faces de Alonso V, que lhe valeram uma ordem de prisão e a ter-se exilado mais tarde em terras de França. Voltando ao país, soube que a sua amada, desgostosa, já não vivia.

D. Vasco foi então para Vouzela, entregando-se, ao acaso, pelos montes de Lafões, onde só encontrava nos vales solitários o lúctivo para as suas tristezas.

Procurou o Monte Alafão e ali mandou construir uma capelinha junto da casa que escolheu para sua residência e onde morreu em 10 de fevereiro de 1510.

Verdadeira ou falsa, é esta a história resumida dos *Apontamentos*, não deixando de ser apreciável o gosto estético de D. Vasco pela escolha daquele adorável lugar, excelente refúgio para o espírito se embrenhar na contemplação da obra maravilhosa da Natureza.

Naquele retiro impressionador, não só há a solidão que nos liberta dos homens e das perversidades mundanas, como há o encanto das altitudes que nos faz admirar os mais empolgantes quadros da pitoresca região beirã.

Quem uma vez tenha a ventura de visitar o Monte Alafão fica com o espírito arrebatado de encantamento e viverá por muito tempo impressionado na estesia do momento delicioso em que a sua sensibilidade emotiva vibrou de assombro perante as magnificências daquela hierática natureza.

(Santário)

JOSÉ OSÓRIO

SANTOS MENDONÇA, Limitada

RUA DOS SAPATEIROS, 86

L I S B O A

TELEFONE: CENTRAL. 1251

RUA DO COMÉRCIO

O L H Ã O

TELEGRAMAS: «TOSMEN»

CÓDIGOS: A. B. C. STH. Ed. RIBEIRO

FORNECE TODOS OS ARTIGOS RESPEITANTES A PESCA



REDE, FIOS, FOLHA DE FLANDRES ESTANHO, CHUMBO, ETC.



FILIAIS E AGÊNCIAS: PORTO — SETÚBAL — OLHÃO — PORTIMÃO
E VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LIVROS E PUBLICAÇÕES * * RECEBIDAS * *

Sentidos de lirismo e de amor. Novelas de Ferreira de Castro. Edição Spartacus. R. Fanqueiros, 277, 2.ª E. Lisboa. Capa de Roberto Nobre.

Cento da desgraça, livro do Centenário de Camilo, por Joaquim Leitão. Ed. Ottosgrafica Lda, Lisboa. Conde Barão, Jo, Capa de Cristiano de Carvalho «Cartas inéditas» em fac-símile de D. Ana Plácido e Silva Pinto.

Deus-Pai, contos rústicos e paisagens, de José Dias Sancho. Edição da «Renascença Portuguesa», Porto. Capa de Roberto Nobre.

Cortos de Amor da Sôror Mariana ao Cavalheiro de Chamilly. Tradução de Luciano Cordeiro. Capa e ilustrações de Alberto de Sousa. Edição de grande luxo. Editora Livraria J. Rodrigues & C.ª, Lisboa. Prefácio de Matos Sequeira. 4 hors-text em tricotomia.

El Consultor Bibliográfico, n.º 3. Publicação mensal Director, J. C. Del Giudice. Barcelona.

Portugal, n.º 50 e 51. Revista portuguesa quinzenal ilustrada, do Rio de Janeiro. Director, Rui Chianca.

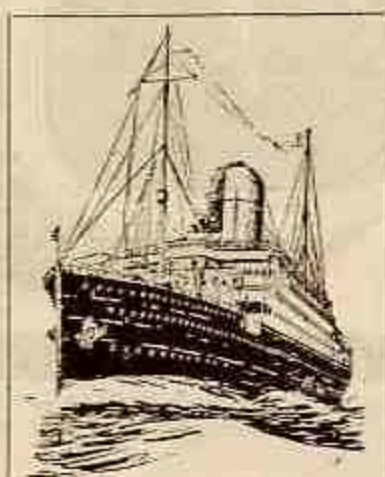
Serra Nova, n.º 55 a 59. Revista de doutrina e crítica, dirigida por um grupo dos nossos mais brilhantes intelectuais. — Lisboa.

Memórias, de Raul Brandão. 1.ª e 2.ª vol., ed. Aillaud e Bertrand, Rua Garret, 175. Lisboa.

Sermões dum leigo, de Ricardo Jorge, edição da Empresa Literária Fluminense, Rua dos Retrosiros, 12. — Lisboa.

Almas delirantes, de Luís Cebola, ed. Livraria Central Editora. Avenida Almirante Reis, 14-A. 14-C. Lisboa.

Um de Sol, de Jorge Noronha de Oliveira, ed. Cosa Velazquez. Sevilha.



MALA REAL INGLESA

VAPORES A SAIR EM NOVEMBRO

Para Buenos Aires e outras portos do Brasil

Dia 2	Atenas
16	Amster
19	Diary
20	Almanaca

Para Southampton

Dia 13	Almanaca
28	Amster

Para Liverpool

Dia 11	Diary
--------	-------

LIVROS E PUBLICAÇÕES * * A APARECER * *

A Livraria J. Rodrigues & C.ª — R. do Ouro, que passa desde este número a se a nossa editora, além de um *Tratado de T. S. P.* e vários livros escolares, fará publicar na corrente época, o seguinte:

Contos e Narrativas, do falecido Almirante Braz de Oliveira.

De Tomar à Flandres, por Ferreira do Amaral.

A Crise Nacional, por Anselmo de Andrade.

Sermões não encomendados, pelo dr. Alberto de Oliveira.

Livraria Aillaud e Bertrand, Chiado. O decano dos livreiros editores portugueses vai editar também uma revista — *A Ilustração* — e deve fazer sair brevemente os seguintes livros:

Trabalhos forçados, (2.ª edição), de João Chagas. *Memórias diplomáticas*, de Alberto de Oliveira. *Páginas escolhidas*, de Afrânio Peixoto.

Noventa do amor humilde, por Norberto d'Araújo. *Cova Verde*, romance de D. Virginia de Castro e Almeida.

Verbo Dizer e Verbo Amar, versos de António Correia de Oliveira.

Sciência sexual, um novo volume de Asdrubal de Aguiar.

Biblioteca Infantil: contos de Carlos Selva e A. Sérgio e Jaime Cortezão.

Colecção Aillaud: algumas traduções dos melhores escritores mundiais, em edições baratas e artísticas.

Renascença Portuguesa — Porto. *A nova guerra e a artillaria*, por Mateus Moreno, a aparecer em janeiro.

(Continua no próximo número)

ATENÇÃO! Interessam-vos anunciar na «ALMA NOVA», porque é uma revista lida em todo o Continente, Ilhas, Colónias e principais mercados do Estrangeiro. Pedir prospectos e preço dos anúncios, na redacção e nas principais agências anunciadoras.

A MELHOR SARDINHA DE PORTUGAL



GOUVEIA & SANTOS

R. ASSUNÇÃO 42-2º LISBOA - PORTUGAL
ENDEREÇO TEL. - GOUVEISSAN - TELEFONE - N. 5396

M A R C A S
M U N D I A I S

LA CONQUÊTE E FRIANDISC